

Resultados de las intervenciones arqueológicas en el poblado fortificado de la Edad del Hierro de Cristelo (Paredes de Coura)

Results of archaeological activities at the Iron Age fortified settlement of Cristelo (Paredes de Coura)

Maria de Fátima Matos da Silva
Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal
Investigadora do CITCEM

Fecha de recepción: 13.01.2013
Fecha de aceptación: 30.04.2013

RESUMEN

Los pocos elementos que teníamos sobre el asentamiento de la edad del hierro de Cristelo (Paredes de Coura, Minho) nos llevaron a creer que fue un asentamiento que cronológicamente tendría una ocupación posterior – romana – que los poblados que habíamos excavado hasta ahora en esta área geográfica. Varias hipótesis y puntos de partida necesitaban de confirmación con el fin de obtener una idea más concreta de lo que hubiera sido, de hecho, la ocupación humana de esta zona. Con la investigación prevista se pretendía: contextualizar los restos arqueológicos de varias épocas encontrados en prospección haciendo secciones estratigráficas; descubrir, aunque de forma fraccionada, estructuras domésticas y de defensa y, en consecuencia, el tipo de ocupación del poblado; establecer la posible diferenciación funcional entre las unidades domésticas y definir la articulación de las estructuras al nivel del micro espacio de relación interna y externa, así como su posicionamiento y la articulación en relación con las estructuras defensivas.

Igual o más importante era saber el tipo de sociedad y las respectivas formas de organización social, en articulación con los otros pueblos de la cuenca superior del río Coura e insértela en el contexto de la cultura castreña del noroeste de la península y, por supuesto, cualquier transformación de aculturación y relación con otros pueblos, incluyendo a los romanos, buscando las soluciones de continuidad/discontinuidad. En este contexto destacamos el conocimiento del tipo de organización económica y estrategia de ocupación del valle y de obtención de materias primas y productos de la explotación de recursos en la área regional y extrarregional.

Los trabajos arqueológicos se resumen a dos campañas de excavación. La área excavada fue implantada en un zona con alguna pendiente a naciente del monte. Aunque la intervención se llevó a cabo en un área pequeña, los trabajos fueron concluyentes a respecto de muchas de las preguntas que teníamos, aunque tengan suscitado otras más.

PALABRAS CLAVE: Portugal, Cristelo, Edad del Hierro, poblado fortificado, excavaciones arqueológicas, estudios analíticos.

ABSTRACT

The little information that we possessed on the Iron Age fortified settlement of Cristelo (Paredes de Coura, Minho) led us to believe that it was a settlement which would have a later occupation – Roman – than the settlements we had excavated in this geographical area. Several assumptions and starting points needed to be confirmed in order to get a more specific idea of what would have been, in fact, the human occupation of this area. With the intended research we sought to: contextualize the archaeological remains found throughout the ages by defining stratigraphic sections; discover, albeit fractionally, domestic and defense structures and, consequently, the type of occupation of the village; establish the possible functional differentiation between domestic units and define the articulation of micro-level space and internal and external relationship space structures, as well as its positioning and articulation for defensive structures.

Equally or more important was to determine the type of society and the respective forms of social organization in conjunction with other settlements of the upper basin of the River Coura and insert it in the context of the Castro Culture of the Northwestern region of the Iberian Peninsula and, of course, any transformations of acculturation and relationship with other peoples, including the Romans, looking for the evidence of continuity/discontinuity. In this context we emphasize the knowledge of the type of economic organization and strategy of occupation of the valley, of obtaining raw materials and products and of exploitation of resources at regional and extra regional areas.

The archaeological work consisted of two campaigns of excavation in a somewhat sloping area. Although the work was carried out in a small area it was conclusive in respect of some of the questions that we had in and also raised other issues for investigation.

KEY WORDS: Portugal, Cristelo, Iron Age, fortified settlement, archeological excavations, analytical studies.

1. INTRODUÇÃO

O Castro de Cristelo é um dos povoados fortificados mais conhecidos pela população do concelho de Paredes de Coura (Minho, Portugal) contudo a sua divulgação é muito reduzida, sendo apenas citado por Abel Viana (Viana, 1926: 89 e 1932: 16), Lopes de Oliveira (Oliveira, 1976: 23) e Armando C. Ferreira da Silva (Silva, 1986: 71), não existindo qualquer estudo aprofundado, exceto os trabalhos sumários por nós publicados (Silva 1992; 1994 e 2007) ainda que sejam deste local os únicos materiais arqueológicos que se conheciam provenientes de um povoado da designada Cultura Castreja da área superior da bacia do rio Coura. Entre eles contam-se três machados de talão, de dois anéis, bifaces, em bronze, atribuídos ao Bronze Final (Silva, 1995 e Silva e Silva, 2007); tipicamente da Idade do Ferro encontraram-se diversos fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo e, relativamente ao espólio fruto da romanização, estudamos diversa cerâmica de construção, fragmentos de cerâmica doméstica de utilização culinária, de vasilhas de transporte e armazenamento. Foram também encontradas várias mós e uma ara praticamente ilegível e encontra-se no Museu Pio XII, em Braga (Santos, Le Roux e Tranoy 1983; Alarcão 1988, 1/32; Silva 1992; 1994; Silva e Silva, 2007).

A opção pela sua intervenção arqueológica deveu-se a vários fatores, decorrentes dos objetivos do Projeto de Investigação que desenvolvemos, designado “Estudo, musealização e divulgação do povoamento proto-histórico e romanização da bacia superior do rio Coura”, e à referida frequente ocorrência de espólio arqueológico descontextualizado, de períodos compreendidos entre a Idade do Bronze e a época medieval. Outros elementos tidos em consideração foram a sua localização próximo da zona mais alta do concelho, local onde não ocorrem, tanto quanto alcançam os nossos conhecimentos, povoados desta ambiência

cronológica; o facto de ser um povoado de pequenas dimensões, implantado no topo oeste de um vale com abundantes vestígios arqueológicos, nomeadamente paleolíticos e romanos; e o interesse em escavar e conhecer um povoado fortificado com ocupação da época final da Idade do Ferro.

1.1. Localização e enquadramento geográfico

O povoado fortificado de Cristelo situa-se no lugar de S. Sebastião, freguesia de Cristelo, concelho de Paredes de Coura e distrito de Viana do Castelo - figura 2.

As suas coordenadas planimétricas UTM (v.g. de 2ª ordem - S. Sebastião) são M = 538.541,80; P = 4.639.712,86m e GAUSS: X = 166,2; Y = 548,5. A altitude (cota no terreno) é de 490,76 metros.

Está cartografado no Mapa dos Serviços Cartográficos do Exército (fig.1), na escala 1/25.000, folha nº 15 - Paredes de Coura, de 1996, e na Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, folha 1-C, Caminha, 1962.

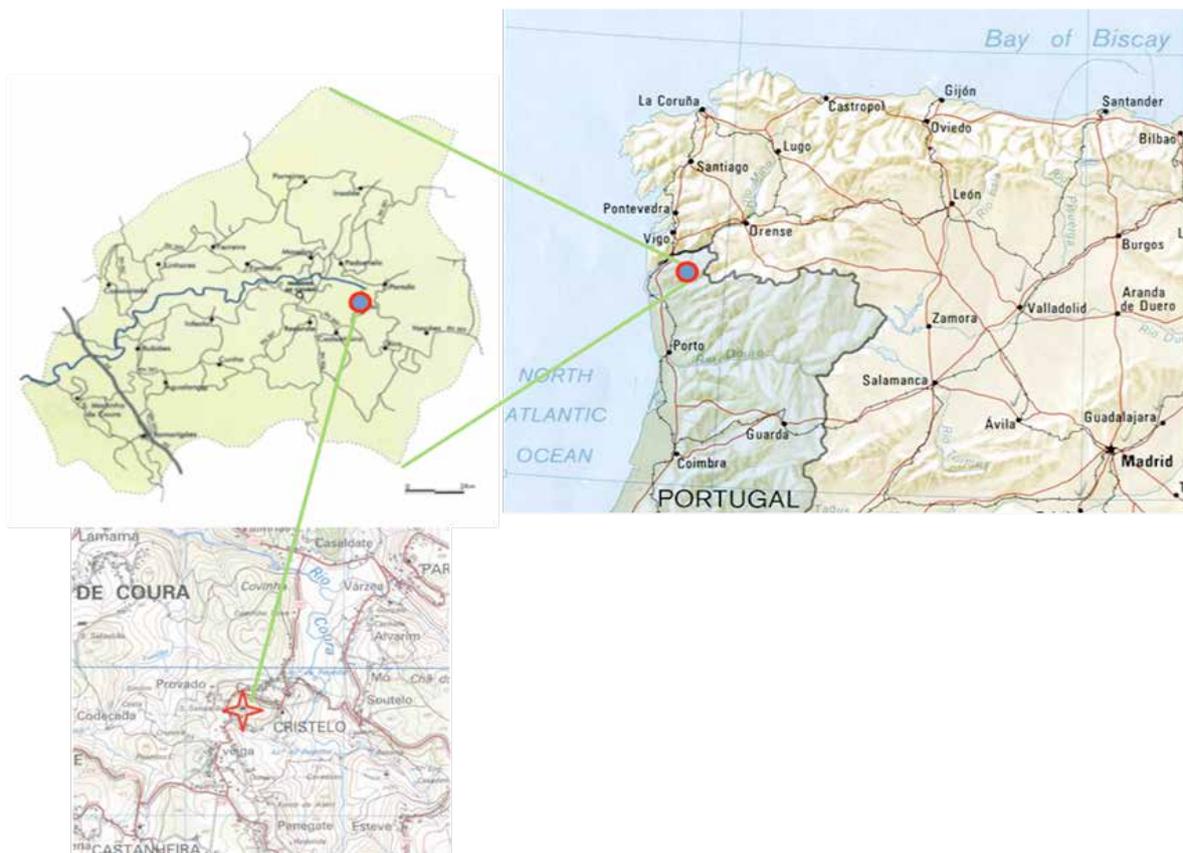


Fig. 1. Concelho de Paredes de Coura na Península Ibérica e localização do Castro de Cristelo também no mapa dos Serviços Cartográficos do Exército, escala 1/25.000, folha nº 15, de 1996.

Desenvolve-se por uma pequena elevação de encosta acentuada, a norte, e mais suave, a sul. No cimo do monte existe um *plateau* de pequenas dimensões, subcircular. Possui cerca de 40 metros de declive, o que se pode considerar muito se comparado com outros povoados do vale do rio Coura que têm geralmente menos altitude relativa entre o vale e o topo do monte. O vale passa a uma cota média de 450 metros. Sobressai na paisagem pelo fato de ser rodeado por zonas relativamente planas, de vale, sobretudo a

nascente e a sul, e por socalcos, sem grande declive, a norte e a oeste.

A rede hidrográfica é abundante sendo o monte contornado pelo rio Coura e por inúmeras linhas de água que aí afluem como a ribeira do Fundão e o rio dos Cavaleiros.

Segundo a Carta Geológica e respetiva *Notícia Explicativa* (Teixeira, 1961), localiza-se numa mancha de rochas eruptivas, especificamente granito calco-alcalino, porfiroide, de grão grosseiro, também designado granito monzonito.

Está implantado numa mancha de solo de tipo C, referente a solos com aptidão agrícola condicionada, rodeada por uma larga mancha de solos de tipo F, ou seja, com aptidão florestal. A nascente, marginando o rio Coura, localiza-se uma mancha alongada de solos de tipo A, caracterizada por franca aptidão agrícola.

O monte está coberto por densa vegetação rasteira (tojo, urze e giesta) e por abundante vegetação arbórea (pinheiro, vidoeiro e carvalho).

1.2. O Povoado

Situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 460 e 490,76. É de pequenas dimensões, não excedendo os 150 metros no sentido norte-sul e os 200 no sentido este-oeste, com c. de 3 hectares de área.

A considerável destruição, a vegetação e os rochedos aí existentes impedem a determinação do local por onde passariam as linhas defensivas. Os poucos indícios recolhidos apontam para a existência de duas: uma em torno do recinto superior e outra a meio da encosta, apenas nas vertentes norte e este. Dado o declive acentuado, a defesa seria relativamente fácil de efetuar, pelo que dispensaria a construção de muralhas em pedra (de que não se encontraram vestígios), tendo os habitantes optado pelo reforço de algumas zonas mediante escavação ou deposição de terras.

Apesar de possuírem bastante declive, as encostas norte e nascente são as mais prolongadas permitindo a construção de locais para vivência humana.

A sul e oeste existem grandes blocos graníticos, de paredes quase abruptas, que funcionariam como defesa natural e que substituiriam as cinturas amuralhadas, não permitindo a construção de estruturas habitacionais. A extração de pedra nos blocos graníticos é frequente e bem visível por todo o monte.

Na zona da “acrópole” foi construída uma capela dedicada a S. Sebastião.

Na encosta existem vestígios de muros de estruturas habitacionais, e muita pedra aparelhada em granito. A norte um estradão deixou a descoberto a parede de uma estrutura circular, de paramento semelhante às que encontramos na escavação. Nesta área ocorreu bastante espólio cerâmico que estudamos com maior pormenor na Carta Arqueológica concelhia (Silva e Silva, 2007).



Fig. 2. O povoado de Cristelo visto de sul, com a capela de S. Sebastião no cimo.

2. A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SECTOR INTERVENCIONADO OBJETIVOS, METODOLOGIA E GENERALIDADES DA INTERVENÇÃO

Os escassos elementos que possuíamos sobre Cristelo levavam-nos a crer que se tratava de um povoado fortificado de pequenas dimensões, situado no topo oeste de um vale com abundantes vestígios arqueológicos. Cronologicamente teria uma ocupação mais tardia – inclusivamente romana – do que os povoados que havíamos escavado até então. Várias premissas e pontos de partida necessitavam, pois, de ser confirmados a fim de obtermos uma ideia mais concreta do que teria sido, de facto, a ocupação humana desta área. Com a investigação pretendia-se:

1. Contextualizar o espólio arqueológico encontrado ao longo dos tempos através da definição de cortes estratigráficos.

2. Descobrir, ainda que de forma fracionada, estruturas e, por consequência, o tipo de ocupação do povoado; estabelecer a eventual diferenciação funcional entre as unidades domésticas; definir a articulação do espaço ao nível do micro espaço de relacionamento interno e externo das estruturas, assim como o seu posicionamento e articulação em relação às estruturas defensivas;

3. Conhecer a estrutura defensiva do povoado, o seu posicionamento, a importância que teria para os habitantes e a sua relação com a área envolvente;

4. Conhecer o tipo de sociedade e as respetivas formas de organização social, em articulação com outros povoados congéneres da bacia superior do rio Coura e, eventualmente, em relação ao macro espaço de relacionamento;

5. Conhecer o tipo de organização económica e a estratégia de ocupação do vale, de obtenção de matérias-primas e produtos e de exploração dos recursos a nível regional e extrarregional;

6. Conhecer as eventuais transformações de aculturação e relacionamento com outros povos, designadamente os romanos, procurando as soluções de continuidade/descontinuidade;

7. Entender as razões da sua situação extremada na área superior e nascente da bacia hidrográfica do rio Coura, próximo da zona mais alta do concelho, zona de transição entre o vale e a montanha, que lhe fica próximo (em Bico e Vascões), em contraponto com os povoados mais antigos que intervencionamos na área oeste - Cossourado e Romarigães.

O sector intervencionado foi implantado numa área com bastante declive na vertente nascente do monte e os trabalhos arqueológicos realizaram-se em duas campanhas de escavação. Apesar de a intervenção se ter realizado numa pequena área a intervenção foi conclusiva em relação a parte das questões que se nos colocavam à partida, tendo suscitado outras mais.

Após o corte da vegetação, procedeu-se à limpeza do sector, implantou-se a quadrícula, procedeu-se ao seu levantamento topográfico e à sua inserção na rede geral, com a ligação da área cartografada à Rede Geodésica Nacional, através do Sistema U.T.M. O relacionamento cartográfico foi efetuado pelo método do “transporte de coordenadas” da cota da base do vértice geodésico de 2ª ordem para um dos lados da figura geométrica que define o sector.

O ponto de origem do sector foi munido de um ponto fixo para cotagem cuja altitude foi determinada por nivelamento geométrico a partir do vértice geodésico referido (Z=490,76 metros). A origem altimétrica do sector é de 472,71 metros, existindo um desnível de 18,05 metros entre o ponto de origem da quadrícula e o vértice geodésico.

A área de escavação foi constituída pelo Sector A, com uma área de 100m², dividido em 25 quadrados de 2x2 m. Posteriormente a área foi alargada tendo no final da intervenção, cerca de 148m², e a escavada de cerca de 88 m². Foi feito o levantamento topográfico de todos os quadrados.

Os trabalhos de escavação seguiram o método de decapagem horizontal, em quadrados de 0.5 x 0.5 metros em camadas de 5 a 10 cm. Inicialmente abriu-se uma vala com cerca de 2m (do qd. D0 ao D4, abarcando partes dos qds. C0 a C4). Posteriormente, intervencionaram-se quadrados alternados de forma a tentar encontrar outras estruturas.

A escavação foi dificultada pelo aparecimento de estruturas sobrepostas pertencentes a duas fases de ocupação. Este facto implicou uma escavação minuciosa, de modo a permitir o relacionamento do espólio detetado com o respetivo nível estratigráfico e o registo (vídeo, fotografia e desenho) de todos os elementos, uma vez que houve a necessidade de desmontar um arco de alicerce da estrutura 2 que se encontrava sobreposta a uma outra de fase mais antiga - estrutura 4.

Desta forma foram escavados dois níveis de ocupação que designamos de 1ª Fase, relativa às cabanas 1, 4, 5 e 6 (fig. 3) e 2ª Fase, relativa às cabanas 2 e 3.

De forma a contextualizar os materiais arqueológicos encontrados ao longo dos tempos e enquadrá-los na estratigrafia do povoado realizou-se uma sondagem para obtenção de uma cronologia relativa. Nesse sentido, foi definido, no sentido oeste-este, um perfil estratigráfico (1A) com 10 metros de comprimento que abrangeu todo o sector. Com o mesmo objetivo, foi depois definido outro corte estratigráfico (2A) no sentido sul-norte, que abrangeu grande parte do sector e se prolongou por uma extensão de 12 metros.

3. AS ESTRUTURAS E O ESTUDO MICRO ESPACIAL

As estruturas correspondentes à Fase 1 são semelhantes entre si. A única diferença reside no facto de a cabana 1 não ter tido outra fase de ocupação que se lhe tivesse sobreposto, pelo que se encontra completa, em planta, e muito melhor conservada. Ressalve-se que o facto de não ter tido outra estrutura sobreposta não é indicador de não ter sido ocupada na Fase 2. Das outras apenas resta metade do arco da sua planta e em altura reduzida, resumindo-se ao alicerce.

Trata-se de estruturas circulares, constituídas por pequenas pedras graníticas, com o formato de paralelepípedos irregulares. O granito utilizado é maioritariamente de grão médio, existindo, contudo, algumas pedras de grão fino e grão grosso.



Figura 3. Cabanas 1, 4 e 5 (Fase 1).

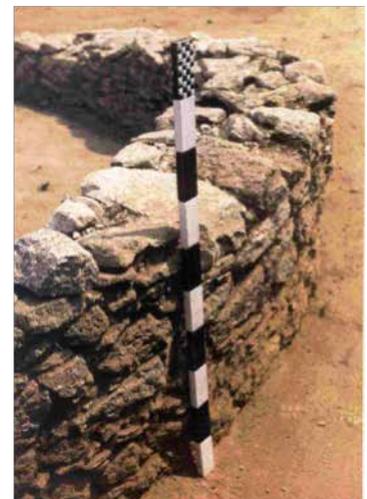
Estas pequenas lajes estão relativamente organizadas, definindo um aparelho de tipo horizontalizado irregular, interno e externo, consolidado por uma argamassa amarelada, saibrenta, supostamente de origem local e que foi usada com abundância.

A entrada da cabana 1 não seria junto ao solo, não tendo sido encontradas pedras de soleira, ombreiras ou padieiras e situar-se-ia a este, virada ao vale.

Na parte interna da estrutura 1 o aparelho torna-se, em algumas fiadas, sensivelmente oblíquo.

A parte nascente da cabana 1 encontra-se mais destruída, restando poucos centímetros de parede, o que não acontece no lado oeste, no qual ainda subsistem, em média, 70 cm. de altura. A parede possui 0.36 m de espessura média.

As cabanas possuem um piso bem nivelado, em saibro amassado de coloração acastanhada clara. Apesar de alguns fragmentos de piso recolhidos possuírem a superfície ligeiramente queimada, não foi possível identificar qualquer lareira no interior das cabanas.



Figuras 4 e 5. Paramento e argamassa do muro da cabana

As estruturas correspondentes à Fase 2 são relativamente semelhantes às da fase anterior. A maior diferença reside no facto de apresentarem uma construção muito menos cuidada. Certamente foram usadas as pedras resultantes da desmontagem das construções anteriores.

Apenas resta metade dos arcos e em reduzida altura, resumindo-se ao alicerce. Tratava-se, provavelmente, de estruturas circulares, constituídas por pequenas pedras graníticas, com o formato de paralelepípedos mais irregulares que os das estruturas da Fase 1.

Os tipos de granito utilizados são idênticos, em pequenas lajes, mal organizadas, definem um aparelho irregular de tipo *opus incertum*, interna e externamente, consolidado por argamassa amarelada, saibrenta, usada em abundância.

Tal como nas cabanas da Fase 1, não foram encontradas as entradas, nem as pedras de soleira, ombreiras ou padieiras.

A organização espacial das estruturas do sector escavado é de difícil interpretação, na medida em que não encontramos elementos indicadores das atividades que aí se desenvolveriam. Não existem vestígios de lareiras ou áreas de trabalho claramente perceptíveis no registo arqueológico.

Apenas foi possível identificar, no interior da cabana 3 (Fase 2) uma mancha de barro alaranjado que, pelo tamanho (c. de 1.44 m de diâmetro, vease fig.6), espessura do barro e quantidade de fragmentos de peças encontrados, aponta para um hipotético local de fabrico de objetos de cerâmica. Existe ainda outra mancha de barro, de configuração alongada (1.08 m de comprimento), cuja localização (sob o alicerce da cabana 6 - Fase 1) e reduzida espessura parecem apontar para um antigo depósito de barro, mas não um local de fabrico. No exterior da cabana 4, referente à Fase 1 de ocupação, encontrámos “in situ” uma mó rotativa (fig. 7), circular, dormente, indicadora de um local de moagem. Esta atividade seria realizada individualmente, com o auxílio de duas peças de madeira, como indicam as reentrâncias existentes lateralmente. Os sedimentos existentes sob e em redor da mó foram recolhidos, peneirados e flutuados, tendo os restos orgânicos daí resultantes sido analisados e identificados 1 exemplar de *Triticum sp.* (trigo), 7 de *Panicum miliaceum* (milho miúdo), 1 de *Panicum / Setaria* (milho miúdo/painço) e 1 de tipo *Vicia* (legume). Dados de uma importância relevante para o estudo do povoado, uma vez que foram as únicas espécies carpológicas identificadas.

A análise da distribuição espacial das estruturas permite-nos concluir que entre as cabanas da Fase 1 existia um espaço relativamente amplo que permitia a circulação de pessoas, bens e, inclusivamente, o desenvolvimento de diversas atividades (como a moagem).

Na Fase 2, por sua vez, as cabanas encontravam-se demasiado próximo umas das outras, não existindo qualquer espaço de circulação.



Fig. 6 y 7. Mancha de barro no interior da cabana 3 (Fase 2) y Mó rotativa *in situ*.

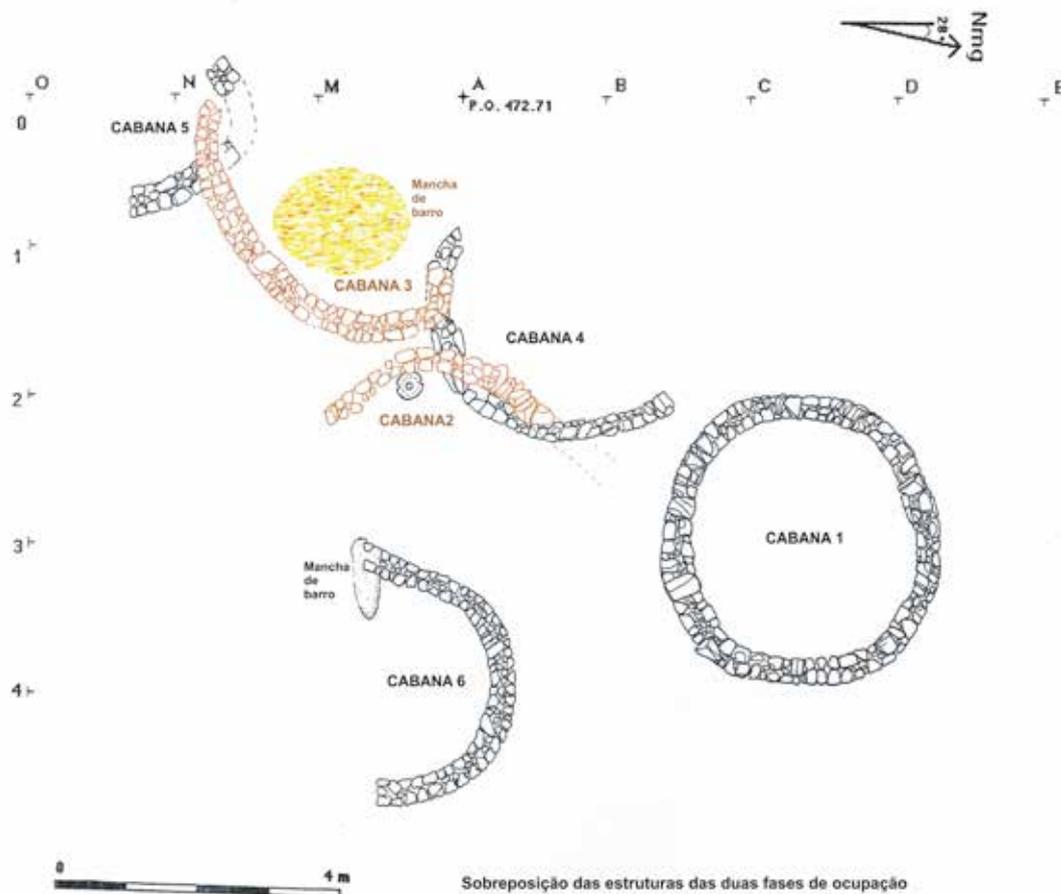


Fig. 8. Estruturas das duas fases de ocupação (a negro a Fase 1).

A interpretação funcional genérica das estruturas do sector leva-nos a considerar duas hipóteses:

- A primeira aponta para o facto de estarmos na presença de uma segunda fase de ocupação residual, na qual as cabanas da Fase 1 foram abandonadas e sobre si construídas posteriormente –sem as destruir totalmente– duas estruturas. Teriam funções relacionadas com atividades artesanais, como por exemplo a olaria (cabana 3).

- A segunda interpretação, mais plausível, aponta para o facto de a cabana 1 ter sido ocupada como local de habitação durante as duas fases, sendo as cabanas da Fase 2 simples anexos com as funções referidas. Não excluimos a hipótese de qualquer das estruturas ter acumulado múltiplas funcionalidades.

Por explicar fica o motivo que terá levado à destruição de três cabanas de boa construção para em seu lugar se erguerem duas de inferior qualidade.

A estratigrafia não apresenta qualquer elemento digno de referência que ajude a confirmar uma das teorias interpretativas da evolução do povoado, não estando documentado, por exemplo, qualquer nível de incêndio ou de derrube.

Uma análise pormenorizada da distribuição do espólio, sobretudo a cerâmica, leva-nos a considerar, a realização de uma limpeza periódica das cabanas, nomeadamente da cabana 1 (aquela que melhor conhecemos), o que se coadunaria com a sua função de habitação. Os 55 fragmentos de cerâmica encontrados no seu interior contrastam de forma evidente com os 1097 encontrados no exterior.

4. ESTRATIGRAFIA DAS ÁREAS DE HABITAÇÃO E SERVIÇOS

O estudo da estratigrafia resume-se à análise de 2 cortes estratigráficos. Um deles, designado corte 1A, posiciona-se no sentido oeste-este, lado sul, na área dos quadrados D0 a D4, e foi mantido. Atravessa o sector longitudinalmente, seguindo a orientação da sua pendente. O outro, designado corte 2 A, posiciona-se no sentido norte-sul, lado nascente, na área referente os quadrados N1, M1, A1, B1, C1 e D1, numa extensão de 12 metros. Foi mantido, parcialmente, como testemunho da estratigrafia transversal do sector.

A estratigrafia do sector caracteriza-se da forma que a seguir se descreve.

1. Camada de terra superficial, humosa, pouco compacta e pouco dura, não homogénea. Granulometria de fração fina, com areias. Índices radiculares muito elevados. Coloração acastanhada. Nesta camada que ocorre em todo o povoado, encontram-se alguns fragmentos de cerâmica de cobertura de origem romana.

2. Camada de terra com sinais de maior compactação e homogeneidade. Granulometria de fração fina, com areias. Índices radiculares elevados. Coloração acastanhada clara, mesclada com tons acastanhados mais escuros.

Neste nível ocorre pedra de derrube consoante a proximidade ou não de estruturas. As cabanas da Fase 2 podem aparecer já neste nível. Em termos de espólio, ocorrem alguns fragmentos de cerâmica de fabrico em roda.

3. Camada de terra compacta, com índice de dureza elevado, homogénea, arenosa. Granulometria de fração muito fina, com areias. Índices radiculares muito baixos. Coloração acastanhada clara, não homogénea, mesclada com tons amarelados e alaranjados. Corresponde ao nível de ocupação.

4. Camada de terra compacta, com índice de dureza elevado, homogénea, arenosa. Granulometria de fração fina, com areias. Índices radiculares muito baixos. Coloração acastanhada clara, não homogénea, mesclada com tons amarelados e alaranjados.

5. Bolsa de terra compacta, com índice de dureza elevado, homogénea, arenosa. Granulometria e índices radiculares iguais à 3. Coloração acastanhada clara.

6. Bolsa de saibro, compacta, com índice de dureza elevada, homogénea. Granulometria de fração média a grossa. Índices radiculares nulos. Coloração acinzentada.

Este corte estratigráfico atravessa a estrutura 4 (Fase 1) e o lado leste do muro externo da cabana 3 (Fase 2).

Os níveis 3 e 4 não resultam de diferenças geológicas notórias a nível da macro escala de interpretação. Trata-se de um nível único, cuja espessura, em alguns locais, é superior a 1m. Na área do alicerce da cabana 1 corresponde ao nível 4. Nesta zona inferior desaparecem as raízes e passa a existir uma granulometria de fração mais grossa que na parte superior (nível 3).

5. CULTURA MATERIAL

Em termos metodológicos, todo o espólio arqueológico foi registado por camada estratigráfica, quadrado, sector e data, e, aquele que apresentava características mais significativas foi coordenado tridimensionalmente, sendo calculadas altitudes absolutas. Foram também registadas indicações relativas à sua posição no interior ou exterior das estruturas com a indicação acrescida da pertença à Fase 1 ou Fase 2.

No caso específico da cabana 1 (tanto interna como externamente), todas as peças foram registadas como pertencendo à Fase 1, o que na realidade pode não corresponder à verdade, já que a cabana pode ter sido ocupada nas duas fases. No registo arqueológico, contudo, essa divisão não era perceptível.

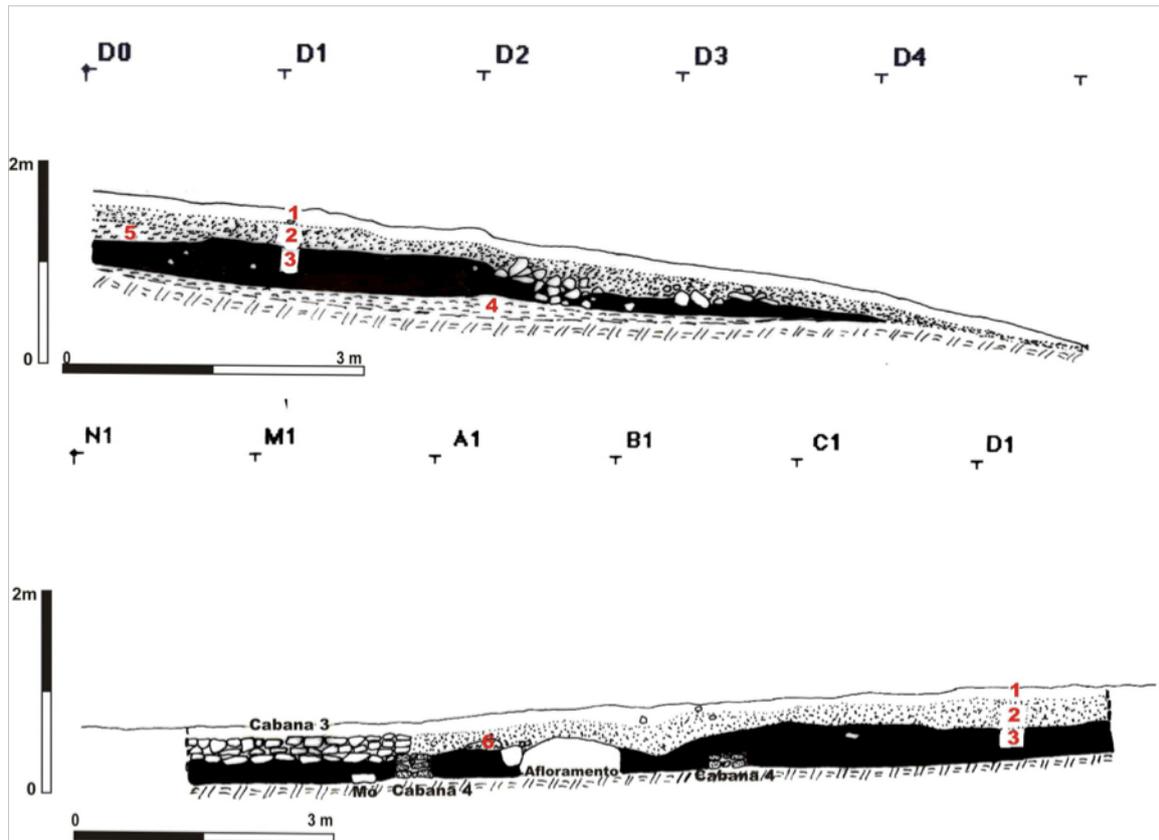


Fig. 9. Perfis estratigráficos 1A (orientação oeste-este, lado sul) e 2A (norte-sul, lado este).

O espólio arqueológico surgiu, maioritariamente, concentrado em determinadas zonas, no interior ou nas proximidades das estruturas escavadas, e apresentava-se algo deteriorado.

5.1. Espólio cerâmico

A cerâmica ocorreu em grande quantidade, tendo sido encontrados, numa área restrita e em apenas duas campanhas, 2.158 fragmentos: 1.411 da Fase 1 e 747 da Fase 2. Constatou-se, à medida que se escavava o solo de ocupação, um aumento significativo da frequência do espólio cerâmico.

A análise da cerâmica é descritiva, pormenorizada, mas todo o estudo da pasta, tratamento das superfícies e cozedura parte de uma visão macroscópica. Igualmente a análise morfológica fica incompleta, visto termos estudado fragmentos e não peças completas, inexistentes.

A escavação permitiu também recolher diversos restos de barro bem como detetar duas manchas, uma delas indicadora de um eventual local de fabrico de cerâmica.

Partindo de uma visão macroscópica fizemos uma análise estatística das duas fases de ocupação relativamente ao tipo de pasta, de fabrico e cozedura. Assim, temos uma cerâmica de fabrico manual, embora a utilização do torno lento e da roda tenha sido identificada. As peças elaboradas com a ajuda de moldes têm uma ocorrência mais rara.

Os elementos não plásticos utilizados foram a mica, a mistura de mica com quartzo, ou apenas o quartzo na Fase 1. A associação destes elementos (mica e quartzo) com restos de cerâmica é rara.

A quantidade de desengordurante introduzido na pasta cerâmica oferece os primeiros elementos para uma distinção, *à priori*, das duas fases. As pastas cerâmicas da Fase 1 possuem grande quantidade de desengordurante (1.030 fragmentos), enquanto que nas cerâmicas da Fase 2 se regista uma ocorrência praticamente idêntica de fragmentos com muita quantidade de elementos não plásticos (374) e com pouca ocorrência desses componentes (373).

Estes dados são falaciosos uma vez que conduzem à ideia de que existiu uma evolução técnica na depuração das pastas cerâmicas, o que de facto não se verificou, pois tanto na Fase 2 como na 1 predomina as pastas pouco depuradas, contudo o desengordurante utilizado na Fase 2 passou a ser de maiores dimensões.

A pasta é maioritariamente pouco depurada, de textura compacta e, em raros casos, friável um tipo de textura que não ocorre na Fase 2 e que na Fase 1 regista apenas 19 exemplares.

O acabamento foi feito anteriormente à cozedura das vasilhas, por alisamento interno e externo, proporcionando quase sempre uma superfície final bem alisada. Conhece-se poucos casos em que foi utilizada uma espátula ou um pente, tal como o engobe e apenas na Fase 1.

Se a análise estatística dos elementos referidos aponta para uma relativa uniformidade das peças das duas fases, no que diz respeito aos elementos referentes às colorações internas, externas e dos cernes –fator determinante nesta análise macroscópica mas subjetivo em relação ao tipo e qualidade da cozedura– é possível registar um decréscimo na qualidade da cozedura em mais de metade da amostra. As colorações tendem a ser de tons mais escuros, com predomínio do acastanhado e do acastanhado escuro em detrimento dos acastanhados claros da Fase 1. Os tons acinzentados e alaranjados são pouco frequentes no total da amostra.

O tipo de atmosfera de cozedura dominante nas duas fases seria a redutora, com pouco oxigénio, com predomínio das cozeduras razoáveis a más sobre as relativamente boas da Fase 1. Terão existido algumas diferenças técnicas na forma como passou a proceder-se à cozedura ou no tipo de forno utilizado, o que terá conduzido a estas diferenças. Pensamos que o forno terá sido do tipo fossa, isto é, um buraco no chão onde as cerâmicas eram colocadas, cobertas por madeira e por uma camada de terra (ou argila), ficando a atmosfera perfeitamente redutiva e mantendo-se a temperatura durante muito tempo, o que permitiria obter cerâmicas relativamente bem cozidas.

Uma vez que não possuímos peças inteiras que nos permitam um estudo formático preciso, caracterizámos os fragmentos da forma que se segue:

Fase 1: 1.059 atípicos, 48 asas, 163 bordos, 42 fundos planos e 20 com rebordo de reforço, 27 fragmentos do colo de vasilha e 52 do bojo.

Fase 2: 527 atípicos, 19 asas, 95 bordos, 35 fundos planos e 8 com rebordo de reforço, 31 fragmentos do colo de vasilha e 32 do bojo.

Os bordos da Fase 1 possuem secção de vários tipos: arredondado, arredondado com aba, arredondado com espessamento externo, aplanado, aplanado com espessamento externo, apontado, apontado com aba e apontado com espessamento externo. Pertencem quase todas as peças com orientação saliente (155), exceto 6 retos e 2 reentrantes.

Os bordos da Fase 2 possuem secções idênticas aos bordos da Fase 1, diferindo apenas na ausência dos tipos arredondado e aplanado com espessamento externo (ausência essa que pode não ser sinónimo de desaparecimento).

No que concerne ao tipo de orientação dos bordos, predominam os salientes (94), registando-se um reentrante e a ausência de bordos de orientação reta.

Da análise dos tipos de bordos encontrados nas duas fases de ocupação ressalta a complexificação que se foi verificando face ao espólio estudado nos outros povoados

de cronologia mais antiga. Contudo, não existem divergências significativas entre as duas fases. Essa complexificação traduz-se na criação de variantes aos três tipos base (arredondado, aplanado e apontado), designadamente com uma protuberância externa (espessamento externo), mantendo o perfil base ou em aba. Estas variantes são, no entanto, pouco frequentes.

A evolução técnica do tipo de bordo que se regista neste povoado não estará tanto, relacionada com questões de ordem estética mas com a necessidade de reforço, ou seja, com uma evolução técnica no sentido de minorar a fragilidade das peças, aumentando a sua durabilidade.

O tipo de configuração dos fundos também não apresenta qualquer distinção entre as duas fases, sendo, regra geral, planos. O que realmente os distingue dos demais da bacia superior do rio Coura –mas não entre si– é a existência, nomeadamente nas panelas, de um reforço lateral, que nos levou à designação de fundo plano com rebordo.

Esta evolução técnica pressupõe, tal como nos bordos, uma resposta às necessidades quotidianas de reforçar os fundos das peças que mais precisavam, como as panelas, usadas diariamente e expostas a uma fonte calorífica que contribuiria também para a sua deterioração. Supomos que este reforço seria igualmente utilizado em potes de armazenamento, aqui também por questões práticas: aumentar a durabilidade/eficácia da vasilha.

Os elementos de prensão ou suspensão das vasilhas apresentam também as mesmas características nas duas fases, sendo a mais utilizada a asa de fita.

Aos tipos de asas de fita, rolo e rolo achatado em D, acresce uma maior quantidade de orifícios de suspensão e o aparecimento da asa de orelha, utilizada para suspensão de panelas.

A posição interna ou externa à vasilha, bem como o posicionamento vertical ou horizontal, quando não “in situ” nem sempre é possível determinar, tal como a sua situação no bojo, colo ou bordo. Variaria, no entanto, em relação à funcionalidade da peça. Por exemplo, as asas posicionadas horizontal e internamente são sempre produto de vasilhas de suspensão de tipo panela.

No que diz respeito ao estudo métrico dos fragmentos, foi feita a análise das suas espessuras em relação a cada estrutura onde foram encontrados, não existindo também aqui grandes diferenças entre as duas fases. A média de espessuras da Fase 1 incide nos 1,1 cm. e a da Fase 2 nos 0,66 cm. . A média do povoado é de 0,88 cm.

Regra geral, a média por estrutura ronda os 0,7 a 0,75 cm. , havendo com frequência espessuras inferiores, pelo que a média geral da Fase 1 é, como se pode aferir, bastante enganadora.

A análise da distribuição estratigráfica e espacial levou-nos às considerações que seguem.

Fase 1: A cerâmica foi encontrada dispersa pelos diversos níveis, com especial incidência para o 3, onde ocorreram 1.058 fragmentos de um total de 1.411. No entanto, apesar da existência em menor quantidade, nenhum nível foi estéril, distribuindo-se os fragmentos da seguinte forma: 5 no 1; 10 na zona de transição entre o 1 e o 2; 77 no 2; 18 na transição do 2 para o 3; 1 na transição do 3 para o 4 e 242 no 4.

Fase 2: Nesta fase a cerâmica encontrada seguiu os cânones da fase anterior, tendo a maior incidência sido registada no nível 3, onde ocorreram 690 de um total de 747. No 2 apareceram 77; na zona de transição do 2 para o 3, 18; na zona de transição do 3 para o 4, 1; e no 4, 242. Estranhamente apenas o 1 se pode considerar estéril, embora se tenham encontrado 6 fragmentos na zona de transição entre o 1 e o 2. A cerâmica ocorre a uma profundidade variável, que oscila entre 0.25 m. e 0.90 m.

Os números são muito claros quanto à vivência dos habitantes da cabana 1, na qual foram encontrados 55 fragmentos, contra 1.097 obtidos no exterior da mesma. Estes números comprovam a limpeza que se efetuará ao seu interior e a ausência de elaboração sistemática de peças nesta cabana. Em relação às outras cabanas, os dados não são tão elucidativos devido às alterações provocadas pela sua destruição e à sobreposição das estruturas da Fase 2. Assim, temos 71 fragmentos dentro da cabana 2; 591 dentro da 3; 55 dentro da 4; 79 dentro da 5; 64 dentro da 6; além de 85 que apareceram nas áreas envolventes das estruturas da Fase 2 e de 148 no exterior das cabanas 4, 5 e 6 da Fase 1.

A utilização de decoração nos vasos cerâmicos passou a ser uma prática bastante mais comum do que em Cossourado e Romarigães, tendo sido encontrados 46 fragmentos, pertencentes, provavelmente, a outras tantas vasilhas (ver figuras 10 a 13).

Na Fase 1 as técnicas decorativas mais utilizadas foram a incisão e a plástica – 12 casos. Contudo, a incisão aparece ainda frequentemente associada a outras técnicas, num total de 22 casos. A técnica plástica possui mais uma ocorrência, associada à impressão. Existe um fragmento, de cerâmica de importação, em que a plasticidade se releva em forma piramidal, tornando-se uma decoração ímpar.

A técnica incisa é mais ténue e não rasga profundamente a pasta ao contrário do que acontece nos povoados mais antigos. A sua forma mais singela - decoração da superfície com pente e alisamento simultâneo da pasta - praticamente desaparece, tendo sido encontrado apenas um fragmento. A incisão conjuga-se com diversas outras técnicas, como a plástica, a punção, a impressão e o pontilhado.

O que de mais interessante ocorre em relação às técnicas decorativas empregues é o aparecimento de novas técnicas como a impressão e o pontilhado. Provavelmente, a segunda já seria conhecida, contudo, a impressão foi uma inovação mais tardia, embora ocorra ainda com muito pouca frequência (5).

Os motivos decorativos utilizados continuam a ser os geométricos, que se desenvolvem em linhas horizontais, verticais, oblíquas, formando corda e espinha sobre superfície plana ou em rolo, dando a sensação de relevo - o cordiforme. Os círculos e as formas ovoides ocorrem raramente. Aparecem pela primeira vez os SSS, os ziguezagues e os triângulos preenchidos.

A ornamentação continua a ser rara e elaborada em zona média da peça ou perto do bordo, em plano horizontal em relação à vasilha e, como referido, numa gramática decorativa geométrica.

O estudo métrico destas peças leva-nos a supor que a decoração não seria aplicada com muita frequência em vasilhas de grande porte, como, por exemplo, peças associadas à confeção de alimentos e ao armazenamento, mas em pequenos recipientes.

A tipologia que criámos desmonta as diversas técnicas utilizadas e traduziu-se em números solitários ou acrescidos de letras de forma a indicar as suas variantes.

Em Cristelo ocorre a incisão ou Tipo 1 nas suas variantes de linhas incisivas paralelas, axadrezadas, linhas curvas e linhas incisivas, foliáceas e oblíquas. A técnica penteada ocorre na forma de linhas verticais sinuosas. A plástica em duas variantes: a toros verticais e horizontais. A punção na sua forma mais simples, a repetição de ovoides (4A) associada à incisão linear (1A), e de forma mais elaborada com a associação da incisão e a repetição de círculos (4B).

As técnicas mistas ou compostas associam-se também nos Tipos 1 e 3 (incisão e plástica), nas variantes 1D e 3A (cordiforme), e 1D duplo (linhas oblíquas foliáceas duplas, formando espinha). A associação da incisão e impressão ocorre nas variantes de linhas horizontais e círculos inscritos.

A impressão associa-se com plástica nas suas variantes C (3C –relevo em pirâmide e 5C– impressão em SSS). Em um fragmento associam-se as variantes B e novamente C.

Finalmente temos a associação de 3 tipos de técnicas, a incisão, a impressão e o pontilhado. Ocorrem nas suas variantes 1A, 5B e 6B.

Nos elementos decorativos da Fase 2, num. total de 26 fragmentos, foram utilizadas as mesmas técnicas decorativas da Fase 1, tendo desaparecido a técnica decorativa penteada e diminuído significativamente a utilização da técnica plástica. Continua o predomínio da incisão e a impressão quase não é utilizada, aparecendo apenas em um caso associada a motivos incisos.

As associações de motivos empregues são os mesmos da fase anterior, existindo apenas uma variante que não tinha sido utilizada: o pontilhado disposto horizontalmente (6A).

Para concluir, resta-nos mencionar que nesta Fase 2 houve uma maior utilização do pontilhado e que os motivos decorativos se tornaram mais ricos, mais abundantes e mais diversificados, continuando a ser geométricos. A ornamentação é também colocada em zona média da peça ou perto do bordo e desenvolve-se num plano horizontal em relação à vasilha.

A tipologia das vasilhas de Cristelo segue a tipologia das peças encontradas nos povoados mais antigos desta área, havendo alguns tipos que não ocorrem neste povoado. No que se refere à análise interna, não verificamos diferenças significativas entre as duas fases de ocupação, pelo que apresentaremos a sua análise conjuntamente.

A análise morfológica das vasilhas coloca bastantes dúvidas devido à sua fragmentação, embora possamos verificar que são peças que desenvolvem a sua simetria num eixo vertical, tendo como estrutura dominante a saliente (fig. 14 e gráficos 1 e 2).

O estudo da cerâmica do povoado permitiu identificar fragmentos correspondentes a cerca de 505 peças –366 da Fase 1 e 139 da Fase 2, de um total de 2.158 fragmentos–, tendo sido possível determinar o tipo de vasilha de 179 fragmentos da Fase 1 e de 66 da Fase 2. Por identificar ficaram 187 e 73 fragmentos, respetivamente.

Das 245 peças identificadas conseguimos, embora com muitas dúvidas, classificar 5 tipos, entre os quais contámos maioritariamente panelas e outras peças de utilização culinária e de armazenamento.

Estatisticamente as peças de tipo indeterminado são, como vimos, as que apresentam maior frequência, o que só por si comprova a fragmentação da amostra. Seguidamente ocorrem, em qualquer das fases, as peças de utilização culinária em que muitos dos fragmentos apresentam uma ganga negra pelo facto de terem sido expostos ao lume. Estas formas –que, por analogia com os dias de hoje, classificamos como panelas– serviriam como recipiente para cozinhar os alimentos no lume. A quantificação dos diversos tipos de recipientes aponta para um total de 79, isto é, cerca de 44 % da amostra.

Contudo, ressaltamos que a atribuição da funcionalidade a uma peça, não implica que este tipo de vasilha não possa ter tido uma outra função em paralelo. De facto, numa época em que os utensílios eram em número reduzido, qualquer vasilha poderia ter funções de cozedura de alimentos, transporte, armazenamento, lavagem, entre outras –tal como acontece atualmente– ou seja ser multifuncional. Acima de tudo, temos que ter em consideração que este estudo tem por finalidade o conhecimento não somente do objeto em si mas, através dele e da cultura material em geral, do ser humano e da sociedade que o produziu. Os números apresentados, difíceis de apurar e fastidiosos de apresentar, são apenas um auxiliar e não um fim.

No que concerne à tipologia das vasilhas, em Cristelo ocorrem 5 géneros de vasilhas de tipo panela, com formas muito semelhantes em 3 dos tipos, diferindo apenas na forma de suspensão ou na sua ausência.

As panelas e outras vasilhas de utilização culinária estão genericamente associadas à função de confeção dos alimentos no lume. Seriam um instrumento de uso individual mas com uma finalidade coletiva –fornecimento de alimento a, pelo menos, uma família.

No tipo que designamos de Panela 1 incluímos as panelas “tipo alguidar” com ou sem suspensão. Existem duas variantes a A assemelha-se a um alguidar, uma forma aberta, de dimensão média a grande (diâmetro médio do bordo entre 14 e 40 cm. e do fundo entre 8 e 20 cm.), com paredes oblíquas e lisas que se fecham num fundo plano, reforçado. Eventual ausência de suspensão só. Poderiam ter tampa.

A variante B, semelhante à anterior, difere por ser suspensa sobre o lume, presa a uma estrutura tipo tripé. A forma de preensão varia entre o orifício de suspensão e a asa interna ou externa, disposta horizontal ou verticalmente em relação à panela (as asas internas possuem normalmente uma disposição horizontal e as externas uma disposição vertical). As asas podem ser de tipo rolo ou rolo achatado em “D”.

O tipo de Panela 2 ou panelas de paredes retas é morfologicamente diferente dos anteriores e muito provavelmente, não seria para suspender. Possui uma forma aberta, de pequenas dimensões, paredes quase retas, fechando em fundo plano. As dimensões do diâmetro do bordo (entre 14 e 18cm.) aproximam-se das do fundo (entre 10 e 14 cm.).

A Panela 3 ou panela de orelha de suspensão é de menores dimensões que as de tipo Panela 1, com diâmetro variável, no bordo, entre 15 e 25 cm. e, no fundo, entre 10 e 16 cm. É também uma forma aberta, de paredes de convexidade bastante pronunciada, que se fecham, inferiormente, em fundo plano. Sofrem no colo um ligeiro estrangulamento e rematam em bordo de tipo variado e com duas protuberâncias e respetivos orifícios centrais –as “orelhas”.

A altura seria proporcional ao diâmetro e à sua forma. Como não possuímos nenhum exemplar completo, não apresentamos as estimativas de que dispomos, já que não seriam conclusivas.

Por vezes, além da ganga negra referida, este tipo de peças apresenta restos carbonizados do alimento cozinhado. As análises elaboradas no sentido de obter dados sobre a dieta alimentar da comunidade foram inconclusivas.

Os potes de armazenamento e outros apresentam formato variável com uma função de armazenamento e conservação –a médio/longo prazo– de bens de consumo, sólidos ou líquidos, bem como de transporte. Ocorrem ainda peças de armazenamento/transporte designadas de importação, como as ânforas, cuja representatividade é diminuta (6 nas duas fases de ocupação).

Além das panelas estudadas, em que a identificação da funcionalidade se apresenta menos falaciosa, temos alguns potes, de dimensões variável, que teriam uma função de armazenamento mas que se encontrariam frequentemente nas proximidades do fogo, uma vez que apresentam também ganga negra –mas não restos carbonizados de eventual alimento cozinhado e que designamos de potes de ir ao lume. Poderiam –tal como hoje, se nos é permitida a analogia– ter como função o aquecimento de líquidos, aliando, assim, uma função de armazenamento com outra de utilização culinária/aquecimento.

Alguns dos fragmentos obtidos em escavação possibilitaram a reconstituição, por técnicos de conservação e restauro, de 2 potes de média dimensão (16 e 18 cm. de altura), morfologicamente com perfil em S, e de outros dois, com maiores proporções (26/27 cm. de altura), de forma virtual, em computador, um dos quais não possui o perfil em S.

Ocorrem outros restos de potes que provavelmente teriam apenas uma função de armazenamento. Em qualquer destas formas o característico perfil em S está presente, sendo mais ou menos pronunciado conforme o estrangulamento do colo se concretiza mais próximo ou afastado do bordo. Apenas possuímos os restos do bordo e do fundo de um pote de perfil em S, que possuiria 18 cm. de diâmetro no fundo e 23 cm. de diâmetro no bocal. Uma reconstituição feita em computador aponta para uma altura na ordem dos 27 cm.

Existem ainda peças de grande porte, de que possuímos apenas alguns fragmentos do bordo (c. 40 cm. de diâmetro), que, a acreditar no seu tamanho, seriam certamente vasilhas de armazenamento de produtos a longo prazo. Algumas teriam tampa, uma vez que possuem uma reentrância no bordo.

As maiores dúvidas colocam-se com os tipos que designamos por taças e tigelas devido à exiguidade da amostra. As suas formas são muito semelhantes, diferindo apenas no tamanho.

As taças apresentam a mesma forma das panelas “tipo alguidar”, com paredes inclinadas; apenas não possuem ganga negra e restos carbonizados. Outra característica técnica que as diferencia é o facto de terem bordos mais elaborados, com espessamentos externos ou até em pequena aba, regra geral com seção apontada ou arredondada.

Teriam uma funcionalidade relacionada com o consumo coletivo e podemos diferenciar 3 subtipos: taça 1, possui paredes com algum grau de obliquidade, fechando ligeiramente próximo do bordo; taça 2, possui paredes ligeiramente convexas com um pronunciamento nas proximidades do bordo; taça 4, possui paredes convexas. O subtipo Taça 3 não ocorreu no registo arqueológico.

Regra geral, os 3 tipos de taças possuem diâmetros de bordo e de fundo que oscilam entre 20 cm. e 36 cm., e entre 16 e 22 cm.

As tigelas também têm uma ocorrência pouco significativa em Cristelo. As formas das taças e tigelas são semelhantes, diferindo sobretudo em relação aos tamanhos. Neste povoado apenas encontramos exemplares relativos a 2 dos 4 subtipos definidos: tigela 2, com paredes ligeiramente convexas e um pronunciamento nas proximidades do bordo; tigela 4, com paredes com algum grau de obliquidade e que fecham ligeiramente junto do bordo.

Possuem, normalmente, bordos de seção apontada ou aplanada, podendo ter espessamento externo. Os diâmetros dos bordos oscilam entre 17 e 22 cm. e os diâmetros dos fundos entre 10 e 12 cm. As alturas variam entre 6 e 12 cm.

Teriam uma função relacionada com o consumo individual de alimentos, sólidos ou líquidos.

O escorredor/coador que encontramos nos níveis pertencentes à Fase 2, é uma peça única. Os 37 fragmentos permitiram reconstituir uma peça de formato semelhante às panelas de “tipo alguidar” ou às taças, mas que possui um fundo reforçado e perfurado de modo a poder coar algum produto que contivesse líquidos. Poderá também ter servido de queijeira. Teria 29,2 cm. de diâmetro de bordo, 20 cm. de fundo e 14/15 cm. de altura. Teria uma função relacionada com a produção de alimentos e um uso individual.

Há ainda a referir a existência de 5 cossoiros, elaborados com o aproveitamento de cerâmica, 3 pequenas fichas circulares de jogo e um possível “godé”.

Apesar de as peças referidas serem em pequeno número, é possível depreender a prática, nesta comunidade, de atividades como a fiação e, conseqüentemente, o fabrico de tecidos de lã ou linho. As fichas de jogo estão relacionadas com atividades de lazer praticadas por adultos ou crianças que, por analogia, com povoados de outras zonas, seriam utilizadas num hipotético jogo do galo.

Como se pode constatar pelo quadro tipológico anexo, a maior parte das reconstituições das peças foi baseada no perfil do bordo, do colo e, por vezes, da pança. Os fundos foram acrescentos que ajudaram a sugerir a forma. Assinala-se com a letra a), na tipologia anexa, as peças cuja reconstituição mais se aproxima da realidade.

Os gráficos de percentagens em que foram inseridos os desenhos das peças foram elaborados para as duas fases a partir da simplificação dos tipos identificados, caso contrário seria impossível a sua representação gráfica. As peças de importação não foram incluídas, nem as de tipologia não identificada.

Embora a amostra com que trabalhámos na Fase 2 seja menor do que a da Fase 1, podemos concluir que houve, pelo menos aparentemente, uma simplificação na variedade de tipos elaborados e, conseqüentemente, usados no quotidiano. A diversidade de peças é bastante menor, estando ausentes as panelas com tampa, as peças com vertedor e as taças. Há ainda uma fraca ocorrência de tigelas e de peças de importação. Na Fase 1 não foram encontrados coadores/escorredores.

Gostaríamos também de realçar a fraca ocorrência de peças de importação. As ânforas surgem de forma residual, tal como os restos de tégula e ímbrice.

A distribuição espacial das tipologias de vasilhas identificadas não nos fornece dados diferentes daqueles que proporcionou a distribuição dos fragmentos cerâmicos. Há apenas a registar uma concentração dos restos de vasilhas no exterior da cabana 1 e no interior da cabana 3, dados que confirmam a limpeza periódica da cabana 1 e que na cabana 3, além de se fabricar utensílios de cerâmica, se desempenhavam tarefas como a elaboração de alimentos em panelas.

A cerâmica possui características indicadoras de um fabrico autóctone, manual e em torno lento, sem vestígios de aculturação romana, e uma morfologia muito simples, que se desenvolve, no sentido vertical, em formas abertas de base plana, de acordo com as necessidades impostas no dia-a-dia.

Concluimos que a asa de orelha tem, tal como as outras evoluções técnicas já referidas (designadamente o reforço dos bordos e fundos), um aparecimento tardio na cultura castreja, concretamente durante o século II a. C. ou até em data posterior. O torno lento terá sido introduzido também a partir do século II a. C.

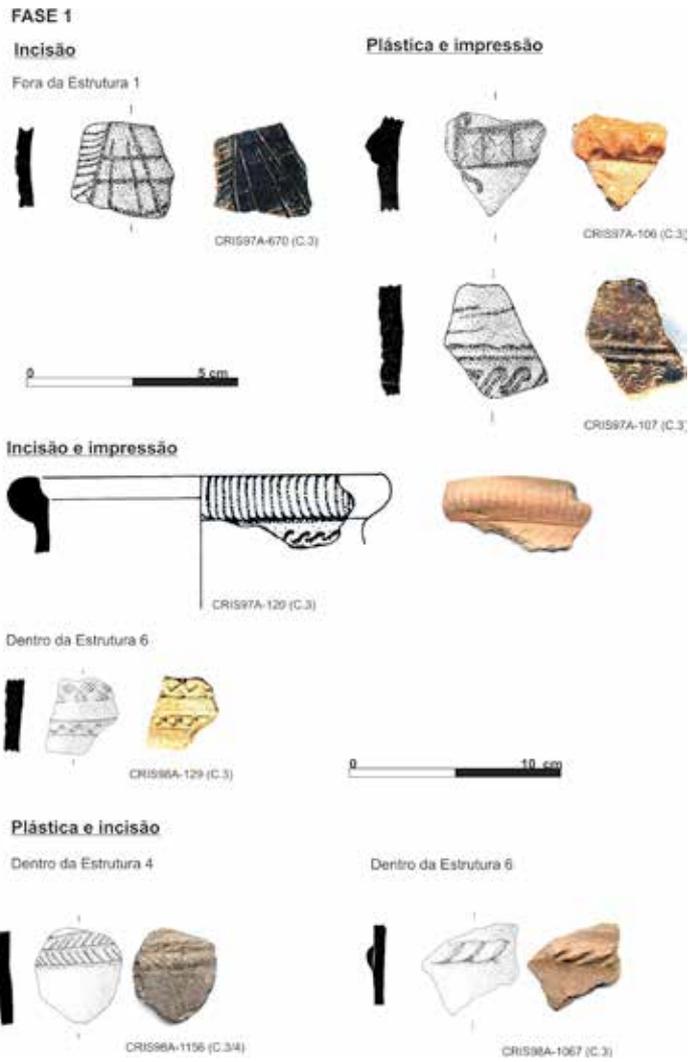


Fig. 10. Cerâmica decorada da Fase 1. Desenhos e digitalizações dos fragmentos-modelo de cada tipo de técnica e de motivo.

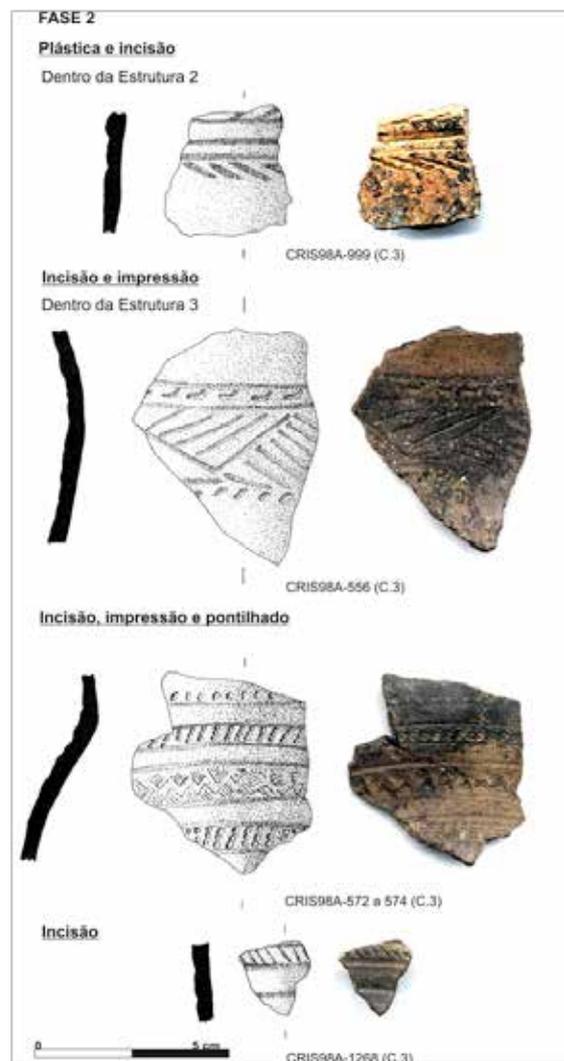


Fig. 11. Cerâmica decorada da Fase 2. Desenhos e digitalizações dos fragmentos-modelo de cada tipo de técnica e de motivo.

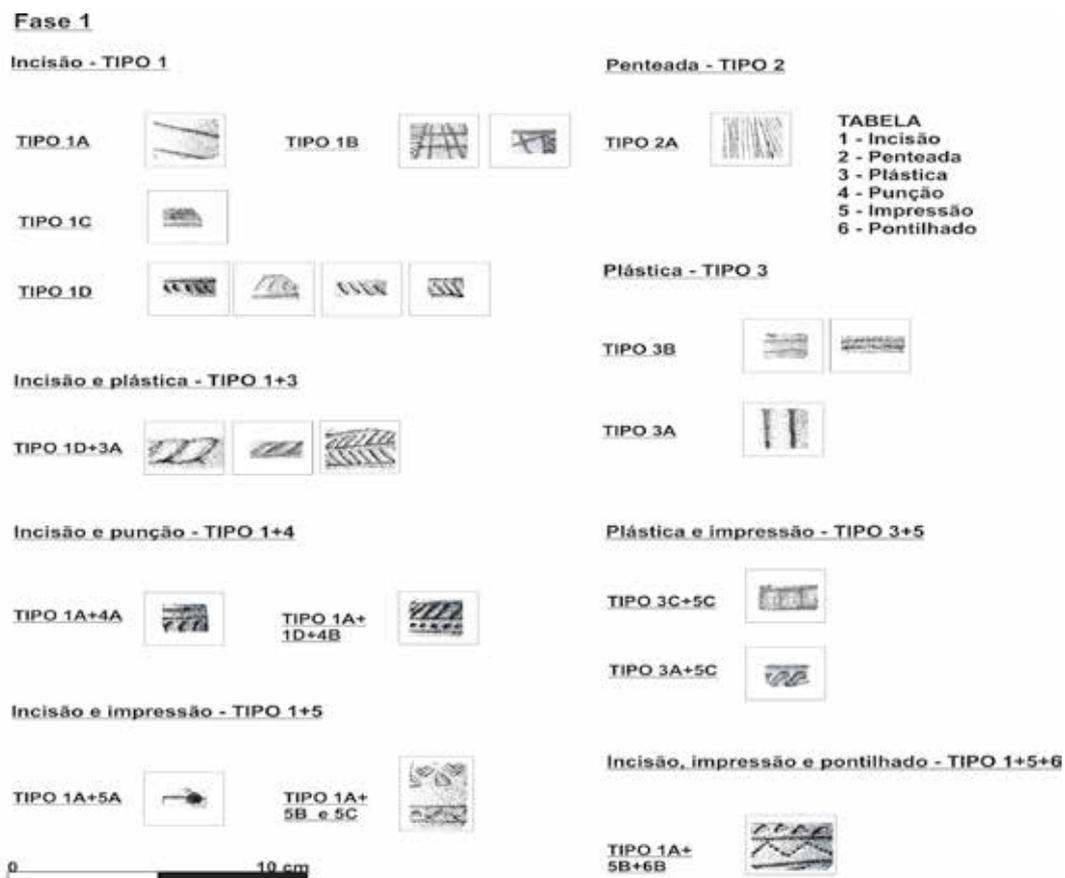


Fig. 12. Tipologia da técnica e dos motivos decorativos. Fase 1.

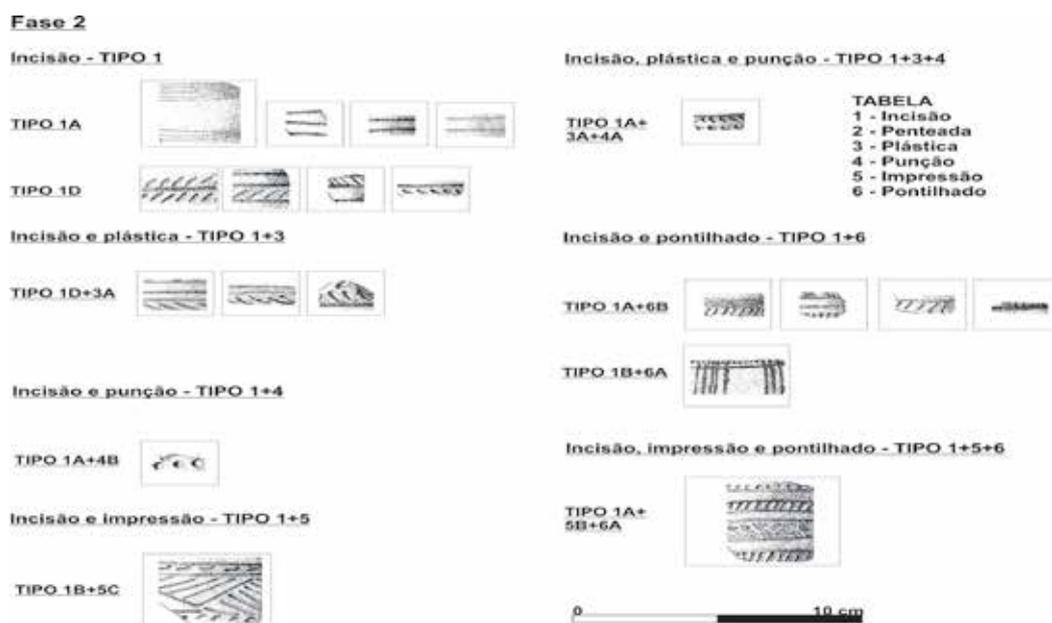


Fig. 13. Tipologia da técnica e dos motivos decorativos. Fase 2.

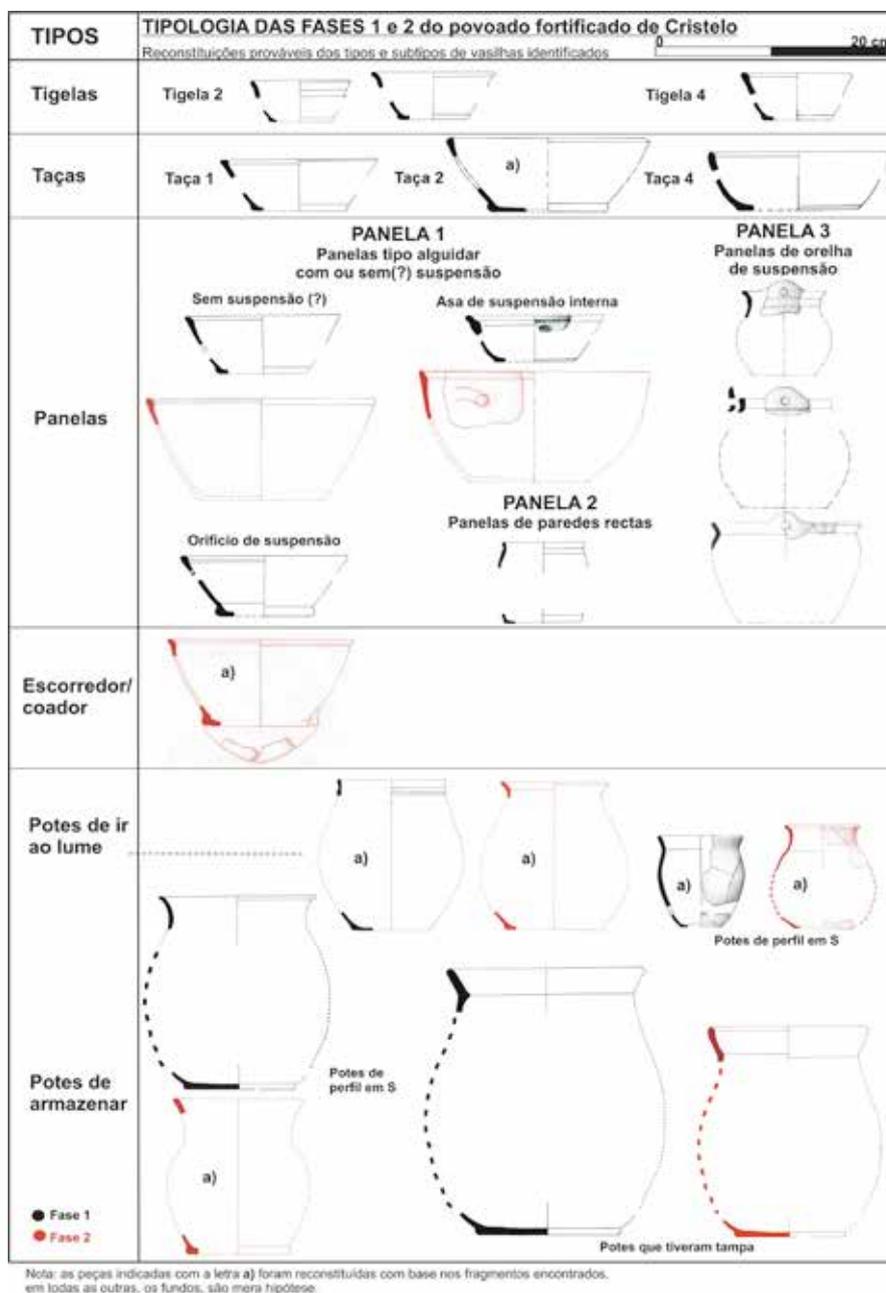


Figura 14. Quadro tipológico das vasilhas das duas fases de ocupação de Cristelo.

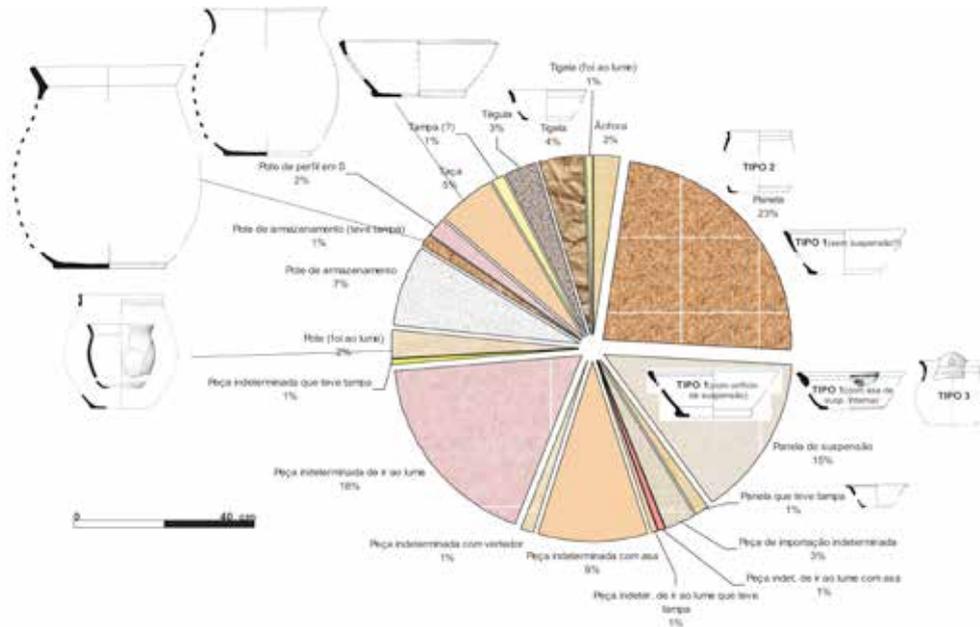


Gráfico 1. Gráfico simplificado das percentagens de tipos de vasilhas identificados na Fase 1.

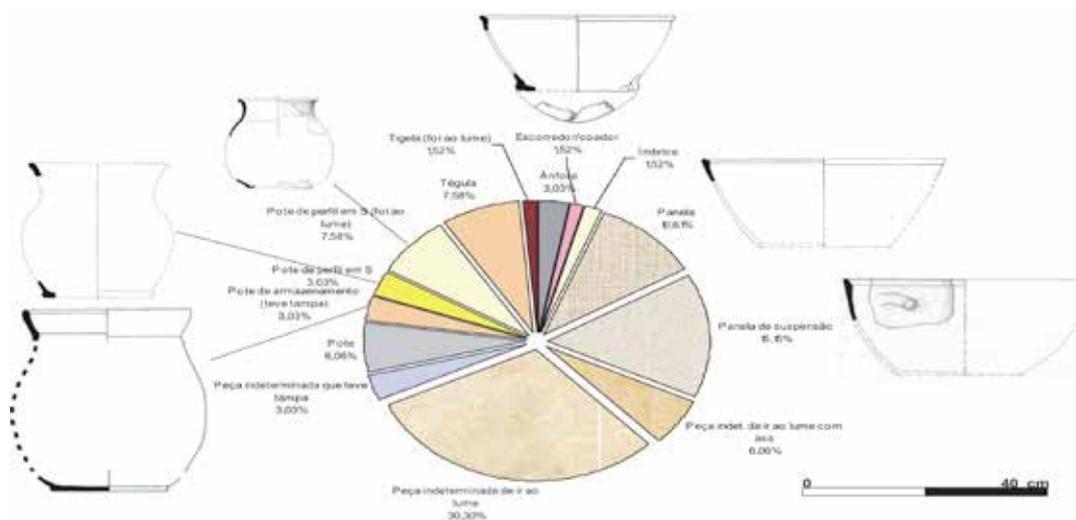


Gráfico 2. Gráfico simplificado das percentagens de tipos de vasilhas da Fase 2.

5.2. Espólio Metálico

A cultura material é bastante pobre em metais, resumindo-se ao aparecimento, nas camadas estratigráficas representativas da Fase 1, de 4 peças ou fragmentos identificados e 7 restos de diversas configurações, eventuais restos de lâminas, pregos ou espetos.

As peças identificadas resumem-se a 2 objetos de adorno/preensão, duas fíbula anulares em bronze, incompletas (variantes do tipo Fowler cuja cronologia se situa entre os finais do séc. II a. C. e I d. C. - Ponte, 1984), e duas peças em ferro: 1 fragmento de lâmina de faca ou punhal e 1 cravo.

A funcionalidade relacionada com as atividades laborais predomina em relação à função de adorno, tal como o predomínio dos objetos de ferro em detrimento dos de bronze, a entrar em desuso na elaboração de peças utilitárias.

A metodologia de fabrico foi essencialmente a martelagem, para os objetos de ferro, e a moldagem, para os de bronze.

O espólio metálico de Cristelo destaca-se pelo aparecimento de restos de fundição de ferro: escória (6) e espuma de fundição (2, um dos quais da Fase 2) e de um aglomerado de ferro, restos de fundição e outros componentes, de configuração côncava, com peso e dimensão considerável, que se encontraria na base de um forno metalúrgico. Estes elementos levam-nos a constatar que no povoado estaria presente todo o processo metalúrgico de produção do ferro: a fase da redução do mineral; a fase da escória de fundição (para apurar a produção do ferro) e a fase da espuma de fundição (que, como é mais leve que a escória, fica no forno misturada com carvão).

O forno utilizado para forjar o ferro seria uma peça com 30 a 40 cm. de largura, onde se colocava carvão, elementos fundentes (cal, sílice ou minerais de quartzo) e mineral de ferro picado. Caso o forno fosse picado, a escória escorria para o exterior dando origem à designada escória de sangrado.

Estes elementos comprovam o fabrico de peças em ferro no povoado, embora se desconheça o local exato, uma vez que os restos ocorrem distribuídos pela área escavada e não se encontraram vestígios do forno.

No nível superficial, dentro do sector A, apareceu, em trabalhos de prospeção, uma pata de animal, em bronze, com 4 dedos apoiados sobre um disco côncavo. Deveria pertencer a uma pequena escultura de animal que ficou inacabada e, tudo o indica, de tipologia romana.

QUADRO 1 – Quadro-síntese das características gerais do espólio metálico

Sector	Total	Camada	Total	Tipo de peça	Total	Matéria-prima	Total	Técnica de fabrico	Total	Conservação	Total
A (Fase 1)	18	2	1	Escória de forno	6	Bronze	4	Indeterminada	7	Bom	11
		3	13	Espuma de fundição	1	Ferro	14	Martelagem	7	Mau	3
		4	4	Fíbula anular	2			Molde	2	Razoável	4
				Indeterminada	7			Molde (?)	2		
				Lâmina	1						
				Cravo (?)	1						
TOTAL 1ª FASE	18		18		18		18		18		18
A (Fase 2)	1	3	1	Espuma de fundição	1	Ferro	1	—	1	—	1
A (Superfície)	1	1	1	Pata de animal	1	Bronze	1	Molde	1	Bom	1
TOTAL	20		20		20		20		20		20

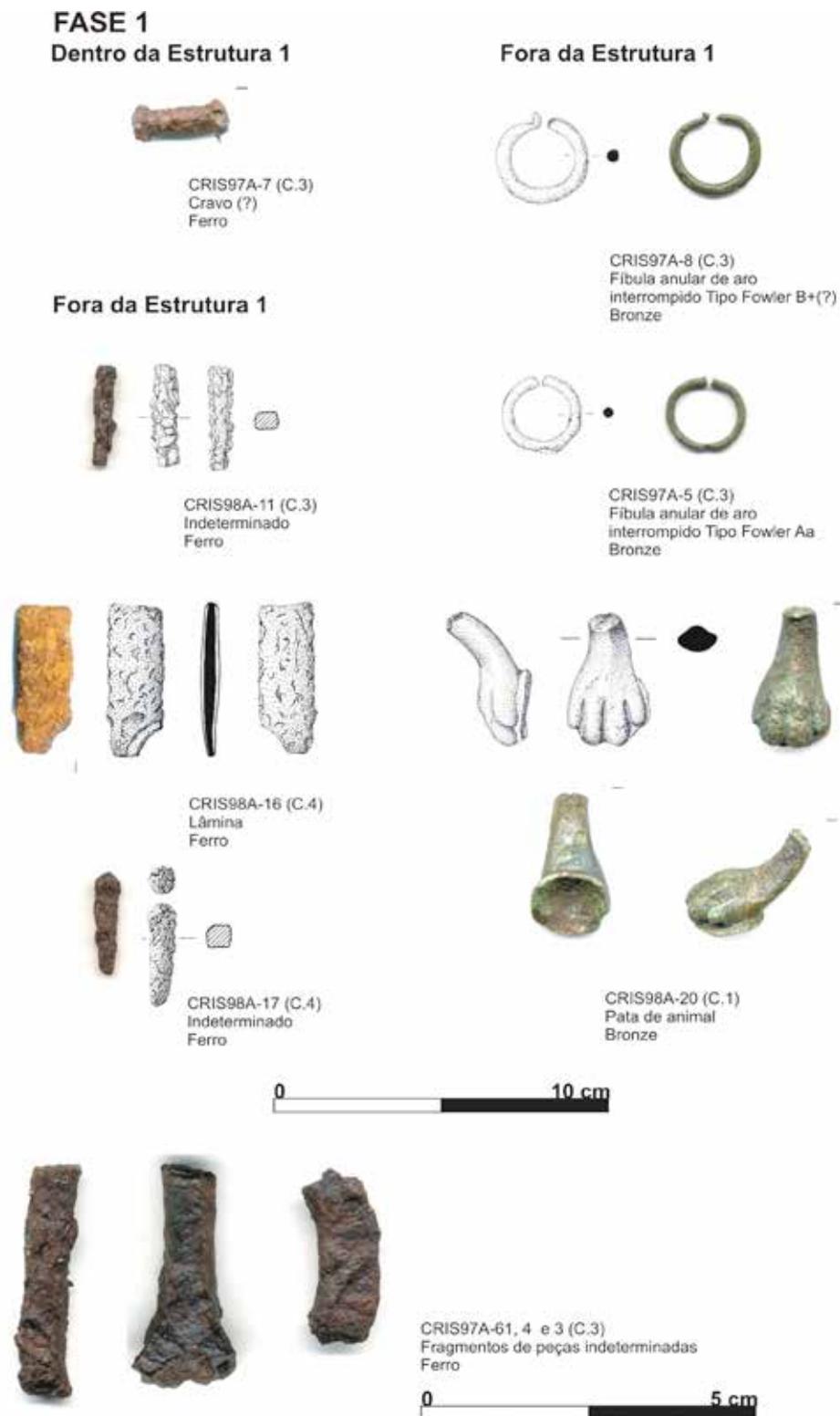


Fig. 15. Espólio metálico da fase 1.

5.3. Espólio Lítico

Os objetos líticos encontrados não refletem uma diferenciação significativa entre as duas fases de ocupação pelo que se regista o predomínio de objetos cuja funcionalidade está relacionada com as ações de partir, esmagar e cortar: percutores. São normalmente peças de elaboração reduzida ou até inexistente, simples pedras, maioritariamente quartzíticas, recolhidas nos leitos das linhas de água que correm nas proximidades.

Da Fase 1 há a destacar um polidor ou alisador eventualmente de cerâmica, elaborado em quartzo xisto.

As atividades ligadas à moagem estão documentadas por 2 mós de vaivém, 3 rebolos e 1 mó rotativa, movente. Esta última é uma peça de ótimo fabrico, com rebordo e dois orifícios laterais, subcirculares, para encaixe dos paus que ajudariam ao movimento giratório. Possui um desgaste muito acentuado, resultante de um uso prolongado.

Ambas as tipologias –mós de vaivém e rotativas– deverão ter sido utilizadas em simultâneo para o mesmo fim.

A exígua amostra de mós de vaivém –apenas duas, incompletas– não nos permite determinar o respetivo padrão de utilização, na medida em que uma teve uma fricção longitudinal e a outra uma fricção pluridirecional. Apesar do grande desgaste que apresentam, não possuem a concavidade característica das mós de outras épocas e zonas, tendo a peça sido utilizada na sua totalidade.

Em relação à Fase 1, resta-nos destacar a ocorrência de uma peça cilíndrica que, pelo facto de estar incompleta, foi classificada, com muitas dúvidas, como percutor. O grau de perfeição colocado na sua elaboração distingue-a das demais. A configuração cilíndrica, conseguida através de um grande esforço de polimento, e o perfeito sulco existente numa das extremidades, que ligeiramente se arredonda, leva-nos a considerar a hipótese de se tratar de um ídolo fálico relacionado com um possível culto de fertilidade. Uma análise cuidada à superfície da peça (em quartzito) revelou a existência de impressões digitais de coloração bege que contrastam com o acinzentado geral do objeto.

Nas estruturas da fase 2, foi encontrado um cossoiro em xisto luzente.

A matéria-prima utilizada na elaboração dos objetos das duas fases é idêntica e apresentam um grande desgaste provocado pelo uso acentuado.

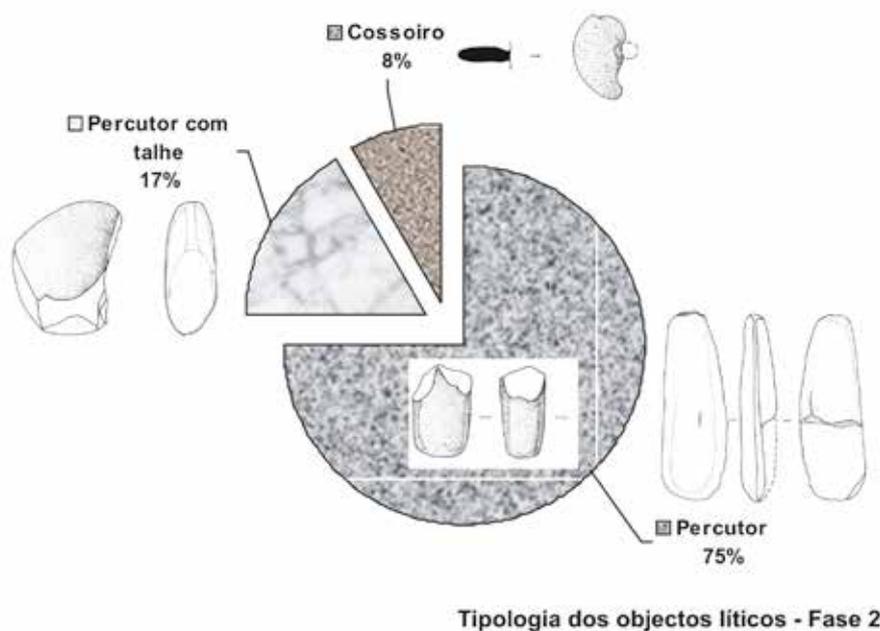
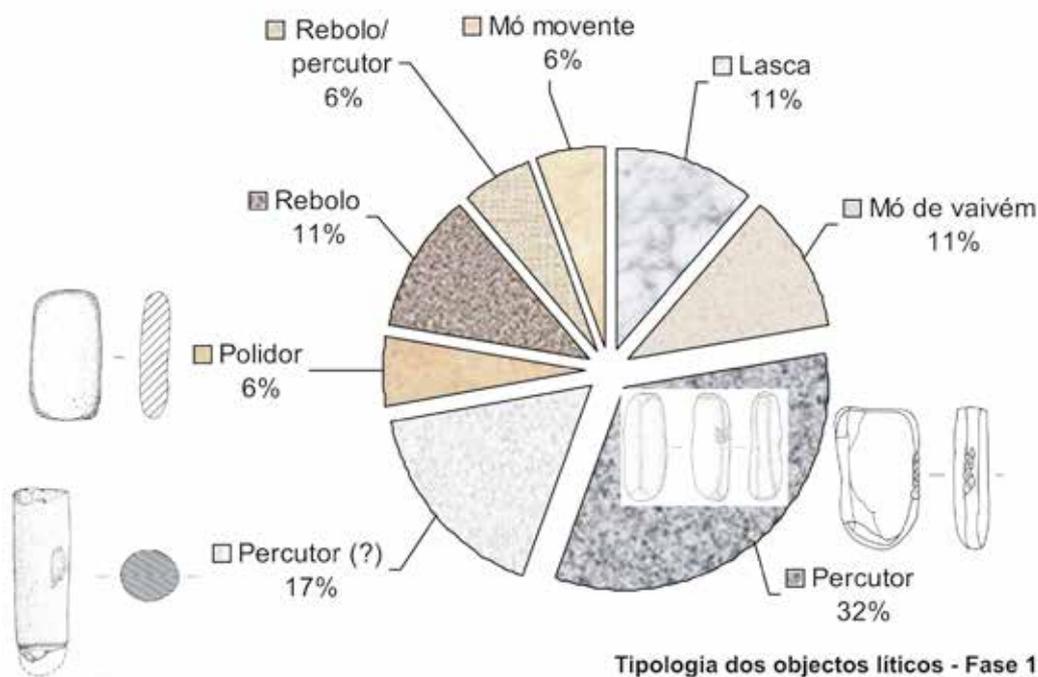
As matérias-primas mais utilizadas foram o quartzito, o quartzo-xisto e o granito, nas variantes de grão médio e fino, qualquer delas existente em abundância na área da bacia superior do rio Coura. Também aqui se constata a grande utilização de pedras de proveniência fluvial cujo rolamento terá facilitado muitas das tarefas para as quais foram escolhidas/produzidas.

Em termos de distribuição estratigráfica, confirma-se a habitual incidência nos níveis de ocupação e no interior das estruturas e áreas adjacentes: cabanas 1 (Fase 1) e 3 (Fase 2).

5.4. Macro restos vegetais carbonizados

O aparecimento de carvões registou-se em quantidade razoável (820 fragmentos de carvão vegetal), no interior exterior da cabana 1. Todos foram recolhidos no nível de ocupação, a uma profundidade variável entre os 43 e os 70 cm. A quantidade mais significativa foi de 108,7 gramas, encontradas na camada estratigráfica 3 do interior da cabana 3.

As sementes tiveram uma ocorrência insignificante e das bagas carbonizadas –nomeadamente de bolotas– não foi encontrado qualquer vestígio.



Gráficos 3 e 4. Percentagens dos tipos de materiais líticos das duas fases de ocupação.

5.5. Distribuição micro espacial da cultura material

A distribuição micro espacial do espólio pelas estruturas da Fase 1 aponta, no que diz respeito à distribuição estratigráfica, para uma nítida concentração nos níveis de ocupação, isto é, nas camadas 3 e 4, principalmente a primeira.

O espólio cerâmico da Fase 1 regista uma maior ocorrência no exterior das cabanas, especialmente no exterior da cabana 1 (1.097 fragmentos no exterior e apenas 55 no

interior). As outras estruturas desta fase forneceram poucos fragmentos de cerâmica, o que não apenas apontar a existência de fortes fenómenos pós-deposicionais.

Parece-nos evidente que as cabanas seriam limpas e os restos depositados nas áreas exteriores contíguas.

Já em relação aos objetos líticos, provavelmente porque ainda estariam em uso, a sua concentração verifica-se no interior da cabana 1, o que indica que seriam aí utilizados, nomeadamente em trabalhos de percussão, esmagamento e moagem.

O espólio metálico proporciona dados semelhantes aos da cerâmica, isto é, regista uma maior concentração (16 exemplares) no exterior da cabana 1, sobretudo de restos de peças ou desperdícios da atividade metalúrgica que certamente se praticaria próximo do sector intervencionado.

O espólio da Fase 2 evidencia a mesma dispersão, incidindo sobretudo no nível 3 de ocupação. Estes resultados reforçam a ideia de que se trata de estruturas utilizadas não só para habitação mas também para a realização de atividades artesanais diversas, como a elaboração de peças cerâmicas, a percussão e a fiação de fibras, sobretudo no interior da cabana 3, onde se encontrou o único cossoiro de pedra do povoado. Os objetos metálicos têm uma presença residual nesta fase de ocupação, tendo-se registado apenas um resto de espuma de fundição.

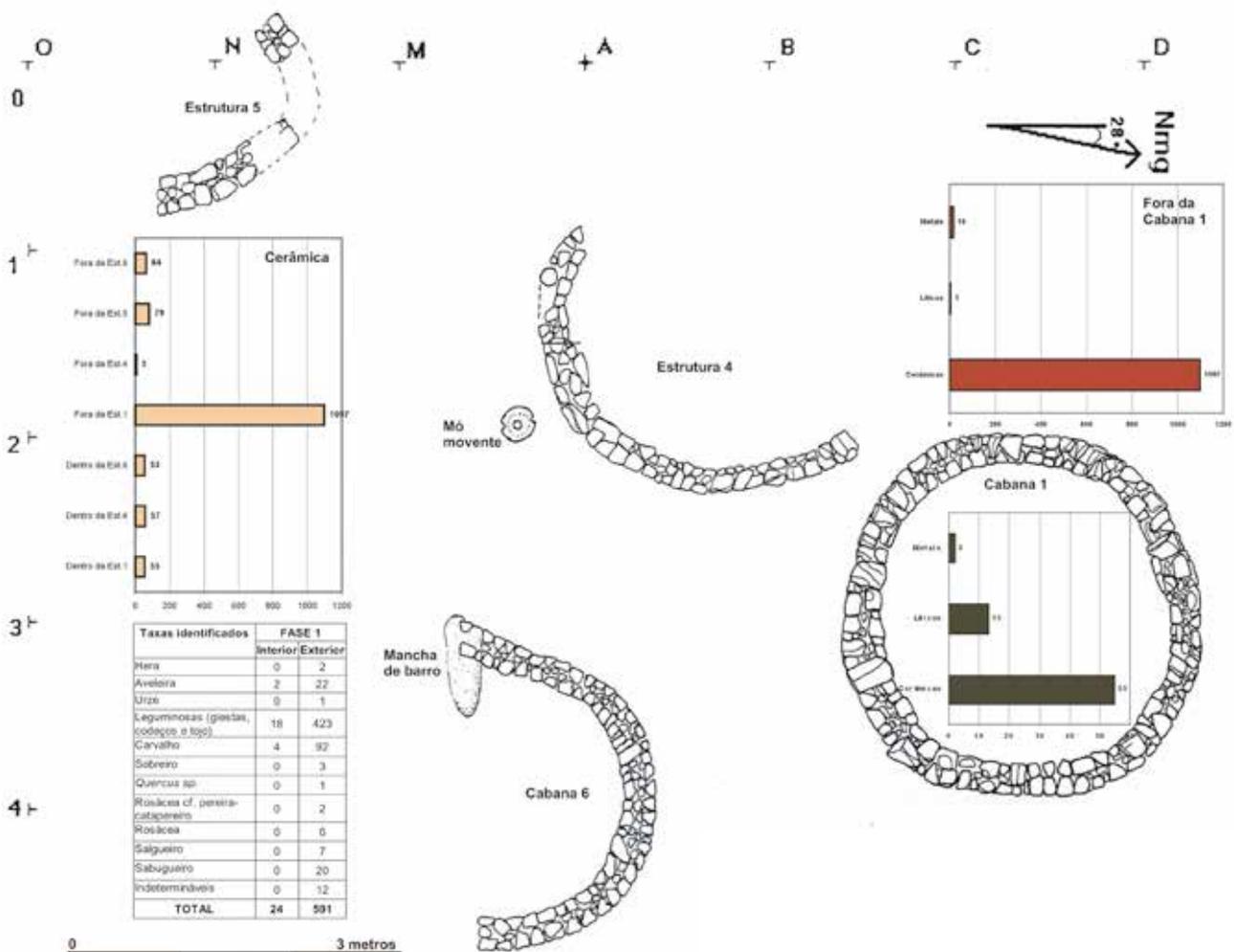


Fig. 16. Distribuição espacial do espólio relativo à Fase 1 de ocupação e ao nível estratigráfico 3.

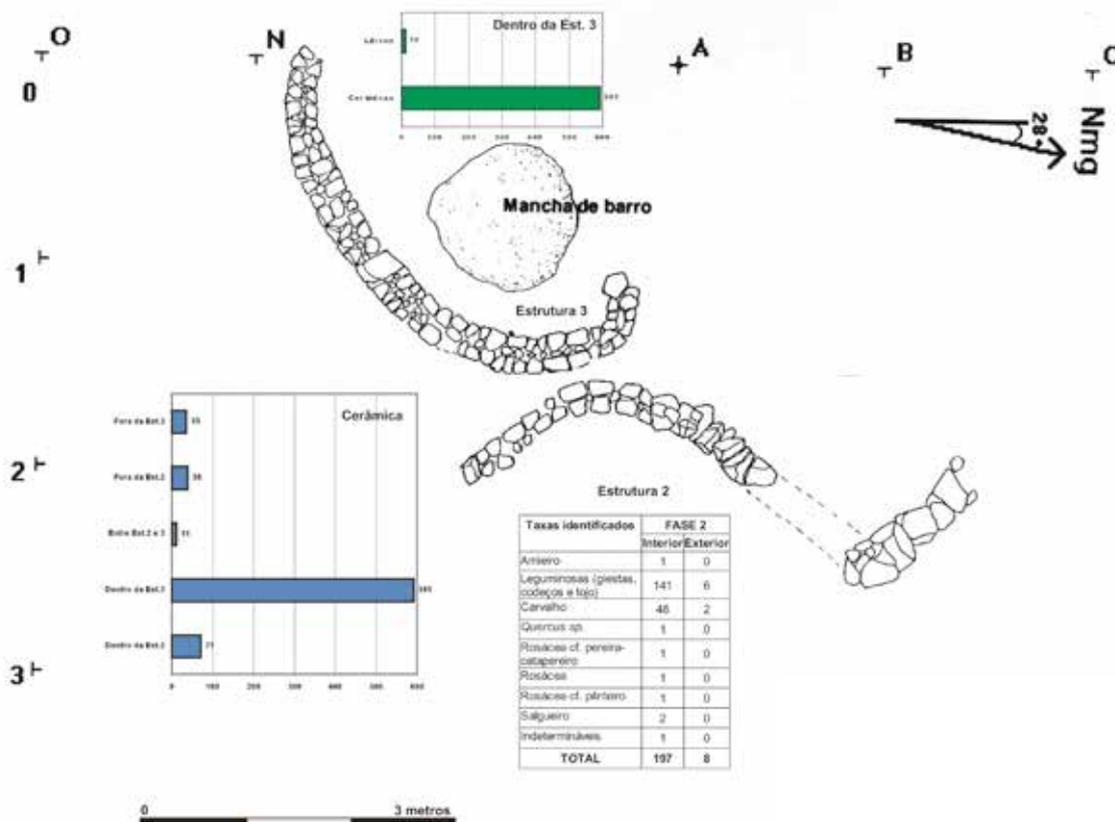


Fig. 17. Distribuição espacial do espólio relativo à Fase 2 de ocupação e ao nível estratigráfico 3.

6. RESULTADO E INTERPRETAÇÃO DAS ANÁLISES REALIZADAS: DATAÇÕES POR RADIOCARBONO, ESTUDO ANTRACOLÓGICO E CARPOLÓGICO E ESTUDOS ANALÍTICOS DE CERÂMICAS

As análises efetuadas pelo método de datação por radiocarbono proporcionaram resultados concordantes entre si e em relação aos elementos da cultura material fornecidos pela escavação.

A amostra 1 foi recolhida no exterior da cabana 1, no nível de ocupação da Fase 1 (camada 4). A segunda amostra é proveniente do interior da cabana 3, do piso de ocupação da Fase 2 (nível 3).

O resultado da segunda amostra (2040 ± 70 B. P.) aponta para uma cronologia mais antiga e apresenta-se mais preciso na medida em que as espécies analisadas (leguminosas) têm uma menor longevidade se comparada com a da espécie arbórea analisada na amostra 1 (1890 ± 60 B. P.), que revelou uma cronologia mais recente. Ou estamos na presença de alterações pós deposicionais, naturais num povoado com fases de ocupação diversas, e/ou estes dados ajudam a confirmar a hipótese de a cabana 1 ter sido habitada nas duas fases.

O estudo antracológico, da responsabilidade de Isabel Figueiral da Universidade de Montpellier, foi elaborado a partir de uma amostra de 820 fragmentos de carvão vegetal e o carpológico com base em apenas 10 sementes.

Segundo o relatório fornecido no estudo antracológico foram identificadas as seguintes espécies: *Alnus glutinosa* (Amieiro), *Corylus avellana* (Aveleira), *Erica* sp. (Urze), *Hedera helix* (Hera), *Fabaceae* (Leguminosas tipo Giestas, codeços, tojo), *Quercus* de folha caduca

(Carvalho), *Quercus suber* (Sobreiro), *Quercus* sp., *Rosaceae Maloideae* (Rosácea), *Rosaceae Maloideae* cf. *Pyrus* sp. (Rosácea cf. Pereira/Catapereiro), *Rosaceae Maloideae* cf. *Crataegus monogyna* (Rosácea cf. Pilriteiro), *Salix* sp. (Salgueiro) e *Sambucus nigra* (Sabugueiro).

As leguminosas –giestas, codeços e tojo– são os elementos mais identificados nas duas fases de ocupação. A sua utilização variava consoante as necessidades ditadas pelo quotidiano: material de construção para a cobertura das cabanas, cama para o gado, adubo natural e combustível (lenha) para lareiras e eventuais fornos.

A madeira de carvalho –segunda espécie mais identificada–, tal como as espécies ribeirinhas (amieiro, salgueiro, aveleira e sabugueiro), era utilizada como lenha e na construção das cabanas e outras estruturas.

Proveniência (referência da amostra)	Referência do Laboratório	Datação B.P.	Conversão	Data Calibrada ⁽¹⁾	Tipo/espécie	Observações
CRIS 97A - 9 D2 (3) Cota nº2A/97 1ª FASE (exterior da cabana 1)	UGRA-555 (29/2/00)	1890 ± 60	Intervalo entre 120 a.C. e 0 (120 - 60 - 0) Séc. II A. C. e I A. C.	Intersecção: 125 cal B.C Intervalos (Método A) para 1 sigma: 71 - 223 ; Para 2 sigma: 4 - 253 e 302 - 315 Intervalos (Método B) para 1 sigma (68,3 %): 76 - 214 ; Para 2 sigma (95,4 %): 1 - 255 e 299 - 317	Madeira carbonizada	Idade teórica: 1892 ± 64 Idade corrigida por $\delta^{13}\text{C}$: 1892 ± 64
CRIS 98ª - M0, M1 e N0 (3) Dentro da 3 Cota nº2A/97 2ª FASE (interior da cabana 3)	UGRA-580 (03/5/01)	2040 ± 70	Intervalo entre 160 a.C. e 20 a.C. (160 - 90 - 20) Séc. II A. C. e I A. C.	Intersecção: 36 cal B.C Intervalos (Método A) para 1 sigma: 114 - 60 ; Para 2 sigma: 196 - 121 ; Intervalos (Método B) para 1 sigma (68,3 %): 113 - 59 ; Para 2 sigma (95,4 %): 330 - 330 e 200 - 126	Leguminosas do tipo giestas, codeços e tojo ⁽²⁾	Idade teórica: 2030 ± 67 Idade corrigida por $\delta^{13}\text{C}$: 2039 ± 67

Quadro 2. Resultados das datações por C14.

¹ Calibração feita pela curva de Stuiver and Pearson 1993, p. 215-230, na Universidade de Washington, Quaternary Isotop Laboratory - Program REV 3.0.3. Stuiver, M. e Reiner, P.J. 1993, *Radiocarbon*, 35 (1), p.1-23; 25-33.

² Análises feitas pela Profª. Doutora Isabel Figueiral do Institut de Botanique de la Université de Montpellier II.

Na Fase 1 verificou-se a prevalência da distribuição das espécies no espaço exterior das cabanas.

Algumas das espécies identificadas - amieiro, aveleira, urze, hera, leguminosas dos tipos referidos, carvalho, sobreiro, salgueiro e sabugueiro - ainda existem atualmente na região e, algumas delas, no próprio povoado.

Os únicos restos carpológicos analisados foram recolhidos através da flutuação dos sedimentos que se encontravam na envolvente da mó rotativa obtida em escavação e indicam-nos que neste utensílio se moía trigo, milho-miúdo e painço. Seria, pois, destes cereais que a dieta alimentar se socorreria para fazer pão ou outro tipo de alimento.

É de realçar a exiguidade da amostra de restos carpológicos conseguida num povoado rodeado de terrenos de aptidão agrícola que teria certamente uma população relativamente numerosa. Dado que este tipo de cereais carbonizados é muito difícil de detetar no registo arqueológico em situação isolada e não foram encontrados locais de armazenamento: silos ou fossas, é possível que alguns não tenham sido recolhidos.

Tendo em conta que os elementos disponibilizados são muito reduzidos, não é possível estabelecer qual a dieta alimentar dos habitantes do povoado. Os restos antracológicos apenas indicam a existência de aveleira e pereira. As bolotas primam pela ausência. Contudo, a cultura de cereais estaria possivelmente mais desenvolvida do que nas fases anteriores da Idade do Ferro, cultivando-se espécies de verão (milho miúdo, painço) e de inverno (trigo).

O estudo analítico das cerâmicas constituiu um objetivo relevante no estudo deste povoado, tanto mais que a produção de objetos cerâmicos aumentou de forma significativa em relação a povoados mais antigos deste vale, como Cossourado e Romarigães e foi possível identificar um local de fabrico de cerâmica e a recolha dispersa de diversos restos de barro.

O povoado de Cristelo, apesar de se enquadrar numa fase mais tardia da Idade do Ferro, não sofreu influências romanas, pelo que a caracterização do espólio cerâmico e a deteção dos locais de proveniência das argilas seria extraordinariamente importante. Os estudos analíticos possibilitariam, ainda, a análise das cerâmicas relativas a duas fases de ocupação não muito distantes no tempo, a sua eventual evolução técnica, no que respeita à elaboração/tratamento da pasta, à execução/fabrico das peças e às formas de acabamento e cozedura.

As análises solicitadas na Universidade de Aveiro, apenas contemplaram estudos de dilatométrica em 9 fragmentos e difração de Raio-X em apenas 1 fragmento, pelo facto de os investigadores terem considerado existir grande uniformidade nas cerâmicas provenientes dos três povoados intervencionados (Romarigães, Cossourado e Cristelo), facto com que não concordamos.

O estudo dos fragmentos (fig. 18) foi condensado no Gráfico 5 a correspondência entre o código das análises e dos fragmentos de cerâmica (referências arqueológicas) é apresentada no Quadro 3.

O estudo macroscópico por nós efetuado a todos os fragmentos cerâmicos não permite obviamente extrair conclusões mais consistentes que as obtidas pelos especialistas. Apraz-nos verificar, no entanto, que as análises de dilatométrica confirmam algumas das considerações que havíamos adiantado, por exemplo, que a atmosfera de cozedura foi a redutora e que os diversos fragmentos, apesar de terem tido um fabrico diferente –A1, A2 e A9 (Fase 2) em torno lento; A3, A4, A6 (Fase 2) e A7 manualmente; A5 e A8 em roda–, pertencerem a épocas cronológicas distintas e evoluírem de forma muito variável quando submetidos a análises de dilatométrica, foram cozidos em fornos de baixa tecnologia semelhantes aos da Fase 1, que apenas atingiam temperaturas na ordem dos 800 e 900 °C.

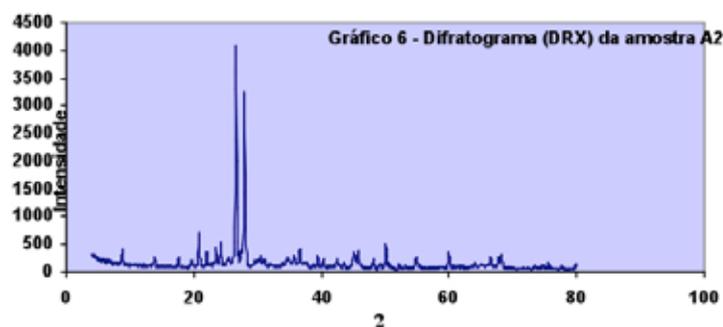
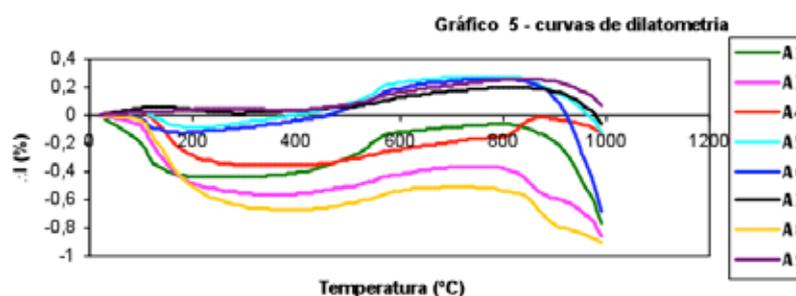
Os resultados das análises por Difração de Raio-X (gráfico 6), para determinação da composição mineralógica das amostras, identificaram, no difratograma, diversos minerais como a caulinite, a mica, o feldspato potássico, o feldspato sódico e o quartzo. A estes resultados qualitativos não foram acrescentados os dados quantitativos que nos teriam permitido retirar outras conclusões.

Os resultados destas análises confirmam os nossos estudos macroscópicos no que se refere ao tipo de desengordurante utilizado, existente e introduzido, à atmosfera de cozedura e à respetiva qualidade, ao tipo de fabrico manual e à recolha provável da argila em áreas próximas do povoado.

Tendo por base os limitados dados apresentados, podemos finalmente concluir que não houve uma evolução técnica significativa ao nível do tipo de fabrico, do tipo de cozedura e do tipo de forno utilizado nas duas épocas de ocupação do povoado.



Fig.18. Fragmentos de cerâmicas analisados por dilatometria e provetos (fase anterior e posterior ao estudo).



Gráficos 5 y 6. Curvas de dilatometría e Difratoograma.

QUADRO 3	
CÓDIGO DOS GRÁFICOS DE DILATOMETRIA	REFERÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS
A1 foi feita também análise de DRX	CRIS 98 A – 352; D3 (4) - Fora da cabana 1 - FASE 1 (fragmento de panela de suspensão)
A2	CRIS 98 A – 351; D3 (4) - Fora da cabana 1 - FASE 1 (Nota: a curva dilatométrica desta amostra não existe no gráfico que nos foi fornecido. Dado que não possuímos os dados, esta é impossível de reconstituir).
A3	CRIS 98 A – 43; A2 (3) - Dentro da cabana 2 - FASE 2 (fragmento de panela)
A4	CRIS 98 A – 143; A3 (3) - Dentro da cabana 6 - FASE 1 (fragmento de peça de ir ao lume)
A5	CRIS 97 A – 481; C2 (3) - Dentro da cabana 1 - FASE 1
A6	CRIS 98 A – 1132; NØ (3) - Dentro da cabana 3 - FASE 2
A7	CRIS 97 A – 480; C2 (3) - Dentro da cabana 1 - FASE 1
A8	CRIS 98 A – 355; D3 (4) - Fora da cabana 1 - FASE 1
A9	CRIS 98 A – 1097; NØ (3) - Dentro da cabana 3 - FASE 2 (fragmento do pote de armazenamento)

Quadro 3. Referencias arqueológicas.

7. IDEIAS FINAIS

Considerando o tipo de intervenção que efetuámos no povoado fortificado de Cristelo –uma pequena escavação em área– e tendo em conta os objetivos a que nos propusemos à partida, apenas podemos tecer algumas considerações, passíveis de erro, no sentido de construir um esquema viável de interpretação da vida quotidiana do povoado e da sua articulação com outros da bacia superior do rio Coura.

O primeiro dos objetivos formulado, relacionado com a contextualização do espólio arqueológico encontrado ao longo dos tempos, foi apenas parcialmente atingido. Se a cultura material da Idade do Ferro está perfeitamente contextualizada na escavação e nos cortes estratigráficos estudados, já o mesmo não sucede em relação aos materiais referentes à Idade do Bronze e à época romana, que não estão de todo documentados nos níveis estratigráficos. A ideia inicial de estarmos em presença de um povoado romanizado não foi confirmada, antes pelo contrário. Terá ocorrido uma deslocação pacífica dos habitantes do povoado para o vale, motivo pelo qual não existiram interferências nos níveis de ocupação da Idade do Ferro.

Teoricamente, à data da ocultação dos machados de bronze encontrados nas proximidades e cronologicamente atribuídos ao Bronze Final (900 a 700/650 a. C.). L. Monteagudo refere-os como pertencendo a um “Bronze Tardio” (Monteagudo, 1977: 173) embora o povoado ainda não existia e os níveis estratigráficos pertencentes a essa época não estão registados, pelo menos na área escavada. a. C. Silva, mais específico, atribui-os ao Bronze Final III, correspondendo já à Fase I A da Idade do Ferro (900 a 700/650 a. C.: Silva 1986) e A. Bettencourt (2001), mais recentemente, refere-os como sendo do Ferro Inicial.

A escavação dos níveis de ocupação forneceu apenas material típico da Idade do Ferro, sem elementos que apontem para qualquer “interferência” externa nos hábitos da comunidade.

O segundo objetivo, que se prendia com o conhecimento de um povoado fortificado mais tardio do que Cossourado e Romarigães, foi parcialmente cumprido, na medida em que documentámos algumas atividades económicas tais como o trabalho da pedra, o fabrico da cerâmica, a fiação, a metalurgia do ferro e a moagem.

A grande novidade foi a descoberta de duas fases de ocupação na Idade do Ferro. Uma mais antiga, com estruturas mais bem edificadas, e outra mais tardia, com estruturas elaboradas de uma forma mais tosca, com alicerces muito mal consolidados, mas com abundante espólio, sobretudo ceramológico. Não encontramos diferenças significativas entre os materiais arqueológicos encontrados nos níveis de ocupação da Fase 1 e da Fase 2.

Trata-se de um povoado com atividades de produção que permitiriam a autossuficiência dos seus habitantes e que traduzem uma organização socioeconómica simples. Contudo, existiria tempo para atividades de lazer, como o jogo; para preocupações de ordem estética, nomeadamente a elaboração ou “importação” de objetos de adorno, a decoração dos vasos cerâmicos –muito mais abundantes do que nos povoados de cronologia mais antiga que intervencionamos como Romarigães e Cossourado–, a construção cuidada das cabanas da Fase 1; e, por último, para a espiritualidade, relacionada, de alguma forma, com alguns cultos, nomeadamente, por hipótese, o da fertilidade, do qual temos registo material.

O terceiro objetivo, que procurava compreender a situação extremada do povoado na área nascente da bacia superior do rio Coura, parece-nos ser explicado pela necessidade de construir o povoado num contexto geomorfológico que possibilitasse uma relativa camuflagem na paisagem, de acordo com o modelo evolutivo que preconizamos para a fase final da Idade do Ferro.

Segundo estudos atuais, o Castro está implantado numa área com ótimas potencialidades económicas, fator de primordial importância para os povos do 1º milénio a.C. O acesso aos recursos naturais, como solos para a agricultura e pastagem, recursos hídricos e minerais (nomeadamente o granito e as argilas), caça e pesca, seria relativamente fácil, quer pela proximidade do rio, quer pela proximidade da montanha. Tal situação permitiria ainda a transumância do gado e a obtenção de outros recursos, como lenha, diversos tipos de frutos e bagas e outra vegetação utilizada na alimentação humana, animal ou noutras aplicações como a cobertura de cabanas.

Como principais ideias a reter temos a salientar a existência de duas épocas distintas de construção de cabanas que marcam outras tantas fases de vivência dos povos que habitaram o povoado. A primeira época situa-se cronologicamente numa fase avançada da Idade do Ferro, e que balizámos, *grosso modo*, entre meados do século II a. C., posteriormente às incursões de Décimo Júnio Bruto (138/136 a. C.), e finais do século I a. C., altura em que foi abandonado por motivos eventualmente relacionados com a chegada do exército do Imperador Augusto à Península Ibérica (c. do ano 20 a. C.). A segunda fase corresponderá então ao período compreendido entre 20 a. C. e o século I d. C.

A Fase 1 de ocupação de Cristelo corresponde à Fase 2 –ou fase intermédia– do modelo de evolução sociocultural da bacia superior do rio Coura na Idade do Ferro, e a Fase 2 de Cristelo corresponde à terceira desse mesmo modelo (Silva, 2007 e 2008).

Como vimos, os objetos utilizados pela população de Cristelo não confirmam qualquer tese, uma vez que não existe uma evolução nítida em termos tecnológicos ou formais da utensilagem usada. Apenas em pequenos itens podemos registar alguma transformação, pelo aparente desuso de algumas vasilhas cerâmicas ou pelo aparecimento de outras, o mesmo acontecendo com a gramática decorativa. Contudo, estes elementos não traduzem uma evolução tecnológica, mas sim transformações de índole morfológica e de gosto estético. Em relação aos objetos de uso quotidiano elaborados em pedra ou metal, verifica-se uma evidente falta de qualidade, igualmente colocada na construção das cabanas.

Este povoado foi ocupado, numa fase posterior ao século II a. C., por povos com uma tradição sociocultural da designada Cultura Castreja do noroeste peninsular e que, por algum motivo e em determinada altura, continuaram a utilizar parte das cabanas existentes e a construir outras de menor qualidade sobre algumas já destruídas ou que viriam a destruir e a soterrar. O eventual motivo de abandono estará relacionado com a chegada de Augusto à Península, voltando a ser ocupado posteriormente.

Se os habitantes do povoado dessa época mais tardia (Fase 2 de Cristelo e terceira da bacia superior do rio Coura) tiveram contacto com os povos romanos e a respetiva cultura, não assimilaram as novidades: apenas começaram a usar as mós rotativas (quem sabe por evolução endógena) e continuaram a utilizar o mesmo tipo de utensilagem nos mais diversos materiais que chegaram até nós (cerâmica, pedra e metal), construindo de forma semelhante e vivendo no mesmo local.

Após o abandono pacífico, terão começado a construir as suas habitações no vale, dado confirmado por relato de pessoas do local que afirmam ter encontrado, nos anos 70 do século passado, no vale do lugar da Mó, situado a leste do povoado, estruturas circulares castrejas construídas em pedra.

Em local não muito distante daqui, foi “descoberta uma casa circular castreja, na encosta ocidental da freguesia da Facha, mais concretamente, na quinta do Paço” (Almeida, 1990: 282). Este local situa-se nas proximidades do castro de Santo Estevão da Facha, freguesia do concelho de Ponte de Lima. Tal como refere Brochado de Almeida, com o qual concorda X. Carballo Arceo (1996) e nós próprios, estaremos em presença do início das alterações na estratégia de povoamento, que pressupõem alterações organizativas na sociedade que se desloca para o vale, provavelmente praticando atividades agrícolas e mantendo as suas formas de vida, pelo menos no que diz respeito ao tipo de estrutura em que habita.

A ser assim, teríamos um tipo de assentamento aberto, sem defesas, dedicado à exploração da terra, antecipando as explorações agrícolas romanas que se terão implantado, nesta área em particular, em cronologias posteriores às apontadas, por exemplo, para a zona de Braga e outras regiões, por volta de finais do século III e inícios do IV d. C. De facto, a maior parte dos castros que se encontravam habitados no câmbio da era verão surgir, desde finais do século I d. C., pequenas aldeias abertas na base dos montes (*vici*), uma nova forma de ocupação do espaço, enquadrando-se na mudança cultural que supôs a romanização (González Ruibal, 2006-2007).

No povoado e no vale, sobretudo a nascente, como vimos, têm sido encontrados vestígios da cultura material romana, mas não estruturas. No vale conhece-se, além do referido, fragmentos de cerâmica de construção e cobertura romanas.

No monte onde se situa o povoado indígena e nas zonas adjacentes, foram encontradas muitas mós circulares, cerâmica de construção, alguma cerâmica comum de utilização culinária, de transporte e armazenamento e uma ara. A posição estratigráfica destes achados atesta que o povoado já estaria abandonado quando começaram a ser ali deixados os objetos (como a pata de animal em bronze, a ara, entre outros) característicos dos novos habitantes da área - os romanos que por ali começavam a radicar-se.

Desta forma e inserindo os dados obtidos no modelo explicativo da evolução da ocupação do vale superior do rio Coura, entre o Bronze Final e a Romanização, e dada a ausência de semelhanças ao nível da estratégia de ocupação do vale, do tipo de construção dos povoados e da cultura material, pensamos que os habitantes de Cristelo não conviveram com os de Cossourado e de Romarigães, pelo que este pequeno povoado terá sido implantado em data posterior às incursões de Décimo Júnio Bruto e nunca para além de 20 a. C., época historicamente apontada como a chegada de Augusto à Península. A segunda fase de Cristelo e terceira da bacia superior do rio Coura foi por nós balizada

entre 20 a. C. e o século I d. C., altura a partir da qual o povoado foi abandonado, como já referimos.

A real assimilação da romanização faz-se posteriormente, por exemplo no vale em torno de Cristelo e noutras zonas da bacia superior do rio Coura, a partir da época Baixo Imperial, ou seja, na segunda metade do séc. III e princípios do séc. IV d. C.

Os vestígios da influência romana no povoado de Cristelo –designadamente uma mó circular movente– são unicamente resultantes de um empréstimo cultural. Os vestígios de superfície, os achados do lugar da Mó (Sigoelos, Ferreira), o tesouro monetário da Lameira (Silva e Silva, 2007) ou os resultados, ainda inéditos, da escavação do Sítio romano de Lis (Tarrío, Infesta) são cronologicamente concordantes, assim como o elevado número de miliários da via existentes nesta zona, reveladores de uma real implantação romana apenas na época apontada.

Estamos, assim, em presença de um vale ocupado em três fases sucessivas, tal como no vale do rio Neiva (Maciel, 1998), situado relativamente próximo desta zona, com outros tantos reordenamentos do território, sendo que na Fase 1 a ocupação se fez em povoados de média a grande dimensão, em locais geograficamente destacados na paisagem, ladeando o rio Coura, com boa visibilidade para outros povoados desta e de outras bacias hidrográficas. As linhas de defesa teriam uma função essencialmente de ostentação, de demarcação de um território de ocupação que se pretendia que fosse visto. Nesta Fase 1 podemos englobar povoados como Cossourado, Giesteira, Montuzelo 1 e Romarigães, este último, com um modelo de implantação geográfica diverso dos demais.

Numa segunda fase a opção por lugares de destaque na paisagem é abandonada, passando-se a escolher locais mais afastados do vale, do rio Coura e da zona de acesso, de deslocação e de potencial influência de outros povos, designadamente os romanos. O corredor que margina o rio Coura é abandonado, procurando-se locais de pequenas dimensões, camuflados na paisagem, onde se viriam a implantar povoados como Cristelo, Montuzelo 2, Portela da Bustarenga, Alto da Madorra, Castro da Madorra e, eventualmente, Pinheiro.

Na terceira, e última fase, temos a continuação da ocupação dos povoados da Fase 2 do vale e, eventualmente, a ocupação de outros pequenos montes, nas proximidades do rio Coura, antecipando já os designados castros agrícolas –povoados de baixa altitude, instalados em pequenas colinas na planície por influência romana– de tipo idêntico aos conhecidos nos vales do Cávado e do Lima, que M. Martins (1988) situa no séc. II a. C., no primeiro caso, e B. de Almeida (1990) aponta para o séc. I a. C., no segundo.

J. Alarcão (1992) justifica o aparecimento deste tipo de povoados pela fixação, no vale do Cávado, de povos célticos, motivados por “um fenómeno de intensificação da produção, exigido pelo crescimento demográfico” (Alarcão, 1992: 54), que terá acontecido nesta zona mais cedo que noutras.

Este modelo interpretativo da evolução da ocupação do vale superior do rio Coura, entre o Bronze Final e a Romanização, carece de informações mais precisas em relação a alguns pontos, que só intervenções arqueológicas noutros locais poderão proporcionar. Contudo, podemos afirmar que o noroeste peninsular constituiu, durante o último milénio a. C., um mosaico de povos que ocupam áreas mais ou menos extensas, com uma idiossincrasia própria, que se manifesta em segmentos da cultura material e noutras vertentes, estando, todavia, inseridos, no seu conjunto, numa realidade cultural aglutinadora de modelos e comportamentos sociais, como tem sido comprovado pelas últimas gerações de arqueólogos portugueses e espanhóis que se têm preocupado essencialmente com o estudo evolutivo dos povoados e a revisão dos conhecimentos sobre a Cultura Castreja como Carlos A. F. Almeida (1983; 1983a), Armando C. Silva (1983-84; 1986; 1990); Jorge Alarcão (1992);

Calo Lourido (1993); Hidalgo Cuñarro (1996); Fernández-Posse (1998) ou Rodríguez Corral (2009) entre muitos outros.

8. BIBLIOGRAFÍA

- ALARCÃO, J. (1988): *Roman Portugal*, 2, f.1.
 - (1992): A evolução da cultura castreja. *Conimbriga*, XXXI, 39-71.
- ALMEIDA, C. A. B. (1990): Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima. *Estudos Regionais*, 7/8.
- ALMEIDA, C. A. F. (1983): Cultura Castreja, evolução e problemática. *Arqueologia*, 8, 70-74.
 - (1983a): O Castrejo sob o domínio romano: a sua transformação. *Estudos de Cultura Castrexa e de H. Antiga de Galicia*, 187-198.
- BETTENCOURT, A.M. S. (2001): Aspectos da metalurgia do bronze no Entre-Douro-e-Minho, no quadro da Proto-História do Noroeste Peninsular. *Arqueologia*, 26, Porto, 13-40.
 - (2004): *Colóquio Internacional Castro, um lugar para habitar*, Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, pp. 25-40.
- CALO LOURIDO, F. (1993): *A Cultura Castrexa*. Vigo: Ed. A Nosa Terra.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1996): "O espacio na Cultura Castreja Galega", en *A Cultura Castrexa Galega a Debate*, Actas del Curso de Verano, Vigo, Universidad de Vigo, 107-138.
- FERNANDEZ-POSSE, M. D. (1988): *La investigación Protohistórica en la Meseta y Galicia*, Madrid, Ed. Síntesis.
- HIDALGO CUÑARRO, J. M. coord. (1996): *A Cultura Castrexa Galega a Debate*, Actas del Curso de Verano, Vigo, Universidad de Vigo, 158-206.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (2006-2007): Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C.): *Brigantium*, 18-19.
- MACIEL, T. (1998): A procura de uma ordem no espaço. A ocupação humana do Vale do Neiva no I milénio a. C.. *Folhas D'A Eira*, 4, 3-12.
- MARTINS, M. (1988): A Arqueologia dos Castros do Norte de Portugal: Balanço e perspectivas de investigação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, 3-4, 11-36.
 - (1990): *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia, Braga, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho.
- MONTEAGUDO, L. (1977): *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel Prahistorische Bronzefunde*. IX, 6, Munique.
- OLIVEIRA, A. L. (1976): *Terras de Coura*. Póvoa de Varzim.
- PONTE, M. S. (1984): Fíbulas de sítios a Norte do rio douro. *Lucerna*, Porto, 111-144.
- RODRÍGUEZ-CORRAL, J. (2009): *A Galicia castrexa*, Santiago de Compostela.
- SANTOS, L., P. L. R. e TRANOY, A. (1983): Inscrições Romanas do Museu Pio XII em Braga. *Bracara Augusta*, 37, 83-84 (96-97).
- SILVA, M. de F. M. (1992): O Castro de Cristelo : apontamentos para o seu estudo. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 1, 37-52.
 - 1995): "Machados de Talão da Bacia Superior do Rio Coura" en *Actas do XXII Congreso Nacional de Arqueología de España*, Vigo, 139-146.
 - (1994): *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Cadernos de Arqueologia e Património, Paredes de Coura.

- (2007): Os modelos interpretativos sócio-culturais e a evolução cronológica da Cultura Castreja: ensaio de síntese, em *Actas do Congresso Transfronteiriço de Cultura Celta*, Ponte da Barca.

- (2008): A evolução cronológica da cultura castreja e os Modelos interpretativos sócio-culturais: ensaio de síntese. *@rqueología y Territorio*, núm. 5, pp. 49-77 <http://www.ugr.es/~arqueol/docencia/doctorado/ArqyT/Index.htm>

SILVA, A. C. F. (1983/84): A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e Cronologias. *Portugália*, 4/5, 123-129.

- (1986): *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Safins.

- (1990): "A Idade do Ferro em Portugal", em *Portugal das origens à romanização*, Lisboa, Ed. Presença, 259-343.

SILVA, M. F. M. e SILVA, C. G. (2007): *Carta Arqueológica da bacia superior do rio Coura*, Paredes de Coura, Câmara Municipal de Paredes de Coura.

TEIXEIRA, C. (1961): *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-C (Caminha, 1962)*, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército.

VIANA, Abel. (1926): Através do Minho I - A exploração metódica dos nossos Castros. *Gente Minhota*, 6, 88-90.

- (1932): Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho. *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1, 11-24.